

RELATÓRIO 13 A

13ª SESSÃO: *Casa com pátio*, Fernanda Fragateiro

6º Ano

(Grupo A)

CCMB, 16 Junho de 2011

Índice

	Pág.
RELATÓRIO DA DISCUSSÃO	3
Análise de relevância temática da discussão	5
Leitura da obra	5
Agenda da Discussão	5
Discussão	7
Lugares de repouso	9
Título vs Obra	11
Leitura da Obra	14
Obra aberta ou fechada?	16
Análise de relevância da discussão por género (Crianças-participantes e Adultos)	21
1. O que é que a relva tem a ver com a cama?	23
2. Como influência o título a interpretação da Obra?	25
3. Como se lê a Obra?	29
4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?	32
Análise etnográfica do registo de vídeo	36
Retratos e análise de participação por indivíduo (Crianças-participantes e Adultos)	42
CONCLUSÕES FINAIS	47
REGISTO DE CONTROLO	52
Análise da obra e enquadramento no espaço	53
Avaliação da Sessão	54
Discussão	55
Observação participante	56
Avaliação da Construção de Teorias Enraizadas	57
Avaliação do Processo de Pesquisa	58

RELATÓRIO DA DISCUSSÃO

Os resultados apresentados no presente relatório referem-se a um grupo de 10 crianças-participantes (8 rapazes, e 2 raparigas) com idades compreendidas entre os 11 e os 12 anos de idade e de 2 adultos (professor CONV1 e investigadora INV como facilitadores), que participaram na Sessão de Filosofia que teve lugar no dia 16 de Junho de 2011, com a duração aproximada de 48 minutos, no Centro Cultural Manuel de Brito (Algés). O grupo de crianças-participantes supracitado pertence à turma do 6º ano de escolaridade do ano lectivo 2010/2011, e é constituída por um total de 10 crianças-participantes (8 rapazes e 2 raparigas).

Para esta sessão foi convidado a participar o IND O do grupo B de modo a observar-se como a sua eloquência discursiva se desenvolve na dinâmica de um grupo que lhe poderá ser mais estimulante e, em simultâneo, observar como é recebido em discussão pelo grupo A este indivíduo reconhecido como colega de escola e recreio.

Procedimentos

O R13A reporta-se à exposição colectiva intitulada *Livre Circulação* visitada anteriormente pelas crianças-participantes e facilitadores. Esta 13ª Sessão focou-se na instalação da artista plástica Fernanda Fragateiro, *Casa com pátio* (Figura 1 e Figura 2), e observou como esta se reportou ao objecto da sua inspiração através de uma imagem fotocopiada da obra de Piet Mondrian, *New York City III (unfinished)* (Figura 2).



Figura 1 – Fernanda Fragateiro, *Casa com pátio*, (2005)

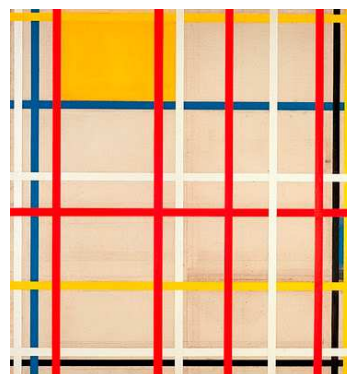


Figura 2 – Piet Mondrian, *New York City III (unfinished)*

O pressuposto que assiste à escolha da exposição ou da obra a discutir mantém-se o mesmo: observar a possibilidade comparativa da teoria suscitada pela experiência estética. Nesta sessão foi considerada a obra seleccionada *Casa com pátio* e, ainda, uma imagem da obra de Mondrian que inscreve a origem dos interesses que conduziram a artista Fernanda Fragateiro na criação da instalação. Essa mesma imagem foi deixada no chão, próxima das crianças-participantes, sem que lhe fosse dada qualquer tipo de atenção por parte dos facilitadores (INV e CONV1). Junto a essa imagem foi incluído um pequeno texto que justifica a relação entre as obras.

Ao longo das sessões realizadas esteve patente, com alguma frequência, aquando da abordagem das crianças-participantes à obra, um interesse específico na intenção do autor, assim, considerou-se a introdução da imagem alusiva à obra de Mondrian e do texto explicativo como elementos que poderiam suscitar alterações comportamentais e discursivas pertinentes, e que respondem à observação das seguintes questões:

- Em relação a possíveis elementos informativos presentes no espaço expositivo da obra seleccionada, estarão as crianças-participantes sensíveis aos mesmos? Procuraram recorrer a qualquer uma destes elementos informativos como fichas explicativas, legendas etc.?

- Caso se mostrem interessadas na informação fornecida, alterará esta a desenvolvimento dos seus discursos? Se sim, de que modo?

- Estarão as crianças-participantes atentas à possível relação visual que se estabelece entre a imagem e o tecido da almofada?

A prévia e livre observação da instalação, a contiguidade desta com outras obras presentes na sala de exposições, bem como, a introdução de elementos informativos suscitou uma natural adaptação comportamental e discursiva, pelo que, uma vez mais provou a flexibilidade e a elevada atenção pela relevância dos conteúdos patentes pela livre experimentação das obras.

ANÁLISE POR RELEVÂNCIA TEMÁTICA DA DISCUSSÃO

A ARTD resultou da análise da **Agenda da Discussão** (2ª Fase da Sessão) e da **Discussão** (3ª Fase da Sessão) e manteve os objectivos sinalizados no R1A: constituir uma visão de conjunto dos temas lançados na **Discussão** pelas crianças-participantes, numa perspectiva *Grounded theory*.

Neste R13A mantém-se a preocupação de registar a organização natural da própria **Discussão** por fases alternadas ou distintas (Categorização processual); observar a pertinência de um conteúdo-base representativo de um tópico que evidencie uma ideia, conceito ou fenómeno que circunscreva ou auxilie a teoria constituída (Categorização estrutural); investigar e registar os elementos descritivos da(s) obra(s) e que tipos de relações estabelecem entre si (Categorização descritiva); investigar e registar como é que na percepção e experimentação da Obra se relacionam estes elementos descritivos, ou seja, como é que se estabelece o fenómeno revelador da experiência estética (Categorização por valorização).

Leitura das obras (1ª Fase da Sessão)

A **Leitura das obras** teve a duração aproximada de 5 minutos.

A **Leitura das obras** iniciou-se sem necessidade de esclarecimento sobre os procedimentos uma vez que estes se consideram completamente assimilados. As crianças-participantes já haviam visitado a exposição, pelo que, para esta sessão, mantiveram uma observação e experimentação física, isoladas ou em grupo, focada apenas na instalação considerada para esta Sessão. Posteriormente, as crianças-participantes e os facilitadores sentaram-se em meia-lua diante da obra. Durante este momento foi verificado o equipamento de recolha vídeo e foi entregue às crianças-participantes o MP4 para registo de som das suas intervenções (e como passa-palavra).

Agenda da Discussão (2ª Fase da Sessão)

A **Agenda de Discussão** foi registada uma duração aproximada de 3 minutos e 7 segundos.

Code: AGENDA DA **DISCUSSÃO**

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa)

A constituição da **Agenda da Discussão** não causou qualquer tipo de constrangimento nas crianças-participantes. Durante este procedimento registaram-se comportamentos algo agitados e conversas cruzadas em burburinho. As 5 questões que constituem a **Agenda da Discussão** revelam uma relação directa da descrição dos elementos que constituem a instalação e das possíveis relações que estabelecem entre si e relevam uma estrutura simples e de sentido restrito:

- | | |
|--|-------------------|
| 1. O que quer isto dizer, dois lugares de repouso? | IND 5 (Masculino) |
| 2. O que é que a relva tem a ver com a cama? | IND 9 (Masculino) |
| 3. Isto é uma cama? | IND 6 (Masculino) |
| 4. Para que é que servem os suportes atrás? | IND 8 (Masculino) |
| 5. Há alguma razão especial para haver cogumelos na relva? | IND 6 (Masculino) |



Figura 3 - Agenda da **Discussão**
(Diagrama)

A categoria **Agenda da Discussão** formou-se a partir de 5 questões que apresentam um forte cuidado na descrição dos elementos que organizam a obra e que, desde logo, identificam como a representação de *lugares de repouso*. Assim, através da nomeação dos seus elementos mais evidentes procura-se de imediato a sua melhor conveniência que possibilite a desejada interpretação da obra.

Neste contexto, a estruturação da teoria revelada em análise da **Agenda da Discussão** (Figura 2) mostra que esta estabelece um primeiro instante interpretativo da obra enquanto representação de **Lugares de repouso** Ex: “O que quer isto dizer, dois lugares de repouso?” IND 6 (Masculino) e que se ramificou nas seguintes subcategorias: a subcategoria **Relva** que se estabelece mediante a sua relação com a *cama* (2ª Questão) e através da razão constituinte dos *cogumelos* enquanto elementos que a constitui (5ª Questão); a subcategoria **Cama** que se estabelece mediante a sua relação com a *relva* (2ª Questão) e na sua nomeação identificada (3ª Questão); e ainda, a subcategoria **Suportes** que se estabelece a partir da sua utilidade ou função (4ª Questão).

Estes elementos determinam o carácter de uma abordagem de correspondência inter-descritiva da obra de intenção interpretativa.

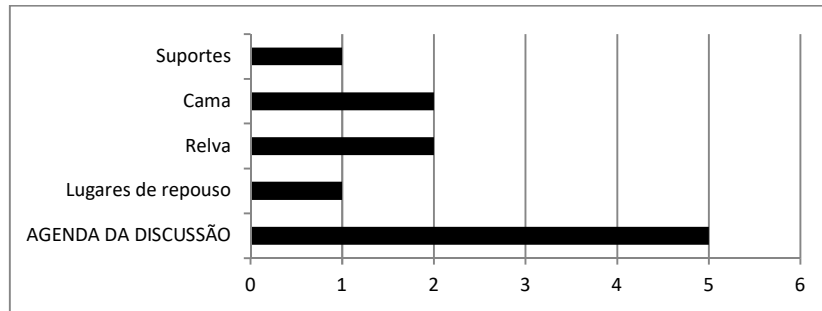


Tabela 1 - Agenda da **Discussão** (ARTD)

Na ARTD da categoria **Agenda da Discussão** desta Sessão (Figura 3) fixa a interpretação simbólica da obra enquanto representação de **Lugares de repouso** e evidência: a relação dual da subcategoria **Relva** com a subcategoria **Cama** Ex: “O que é que a relva tem a ver com a cama?” IND 9 (Masculino); o inevitável reconhecimento do elemento como **Cama** Ex: “Isto é uma cama?” IND 5 (Masculino); a inter-relação estabelecida pelos elementos constituintes da **Relva** Ex: “Há alguma razão especial para haver cogumelos na relva?” IND 6 (Masculino); e ainda, a necessidade descritiva que obriga à possível função utilitária do elemento **Suportes** Ex: “Para que é que servem os suportes atrás?” IND 8 (Masculino).

Discussão (3ª Fase da Sessão)

O registo da **Discussão** verificou uma duração aproximada de 40:00 minutos.

Code: **DISCUSSÃO**

Classificação: CATEGORIZAÇÃO PROCESSUAL (teorização activa)

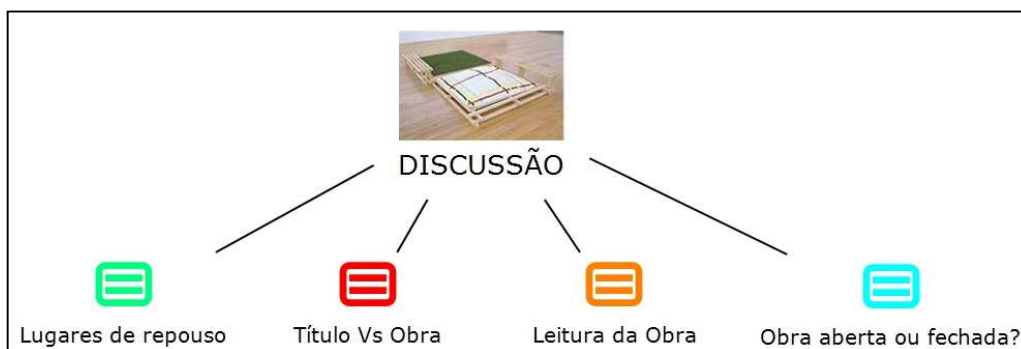


Figura 4 - **DISCUSSÃO** (Diagrama)

A categoria **Discussão** (Figura 4) caracteriza a 3ª Fase da Sessão.

Nesta Sessão, a categoria **Discussão** apresenta uma estrutura simples e linear e se constitui a partir da leitura e interpretação da obra referenciada *Casa com pátio*. Neste contexto estabeleceu-se a subcategoria **Lugares de repouso** que observa a extensão significativa de duas zonas específicas observadas na obra sendo que para uma associa-se *casa* a campo e para outra associa-se *pátio* a relva; a subcategoria **Título vs Obra** constitui-se da reflexão focada nos títulos das obras em referência, ou seja, a instalação *Casa com pátio* e a imagem fotocopiada de Mondrian *Nova Iorque III (inacabada)*, e ainda, a sua interpretação mediada pela relação directa que estabelece com a instalação presente no espaço de exposição e os elementos que a constituem; a subcategoria **Leitura da obra** foi introduzida pelo CONV1 por conveniência da natureza delineada pela própria **Discussão** pelo que se foca no modo como os conteúdos anunciados se desenvolveram e como se relacionam entre si, isto é, o movimento discursivo desenvolveu uma determinada estrutura argumentativa que foi denunciada pelo facilitador e apresentada à reflexão conjunta Ex: “Mas quando tu perguntaste se isto é uma cama, na tua pergunta inicial: “isto é uma cama?”, está pressuposto que isto possa ser outra coisa para além da cama.”; esta última subcategoria abriu o espaço discursivo necessário à reflexão mais focada do propósito da obra em reflexão manifesto na subcategoria **Obra aberta ou fechada?** que, por sua vez, observa a interpretação directa e agregadora do sentido da obra.

No final da **Discussão** ficou patenteado como conceitos abordados em sessões anteriores se constituem num saber próprio e maleável ou adaptável a outras situações. Mais, foi observado como a **Discussão** colectiva abre a possibilidade de um dizer que se quer em contínuo, em tudo semelhança às várias propostas apresentadas às crianças-participantes ao longo destas sessões:

“ IND 4 - CONV1 este e a janela são do mesmo autor?

CONV1 - Não.

IND 4 - Porque poderia o autor querer dizer que a vida é como uma janela aberta...! Temos de discutir as cores de cada linha.”

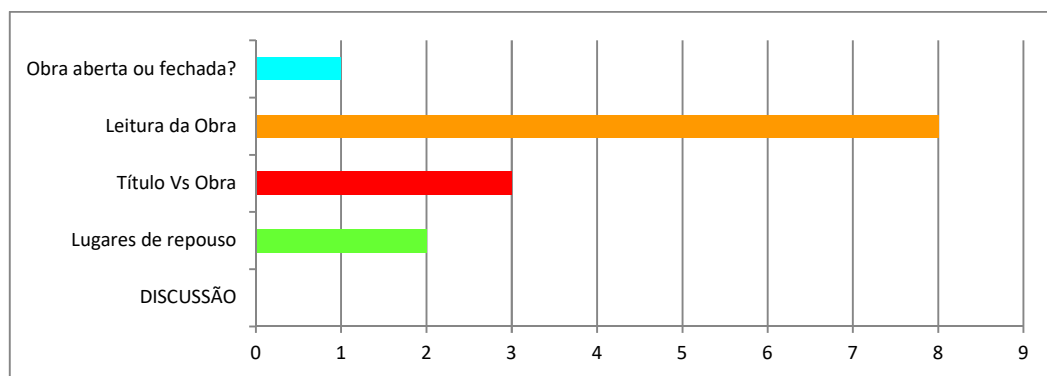


Tabela 2 - **DISCUSSÃO**
(ARTD)

No quadro de ARTD (Tabela 2), cumpre-se a categoria **Discussão** como constituída segundo a natureza do seu carácter estritamente processual (3ª fase da Sessão).

Assim, no âmbito da leitura do quadro de relevância 2º nível observa-se que a subcategoria **Lugares de repouso** surge com uma relevância baixa; a subcategoria **Título vs Obra** com uma relevância média-baixa; a subcategoria **Leitura da obra** apresenta uma relevância elevada; e por último, a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** que apresenta uma relevância diminuta.

Lugares de repouso

Code: **DISCUSSÃO** \ Lugares de repouso

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva

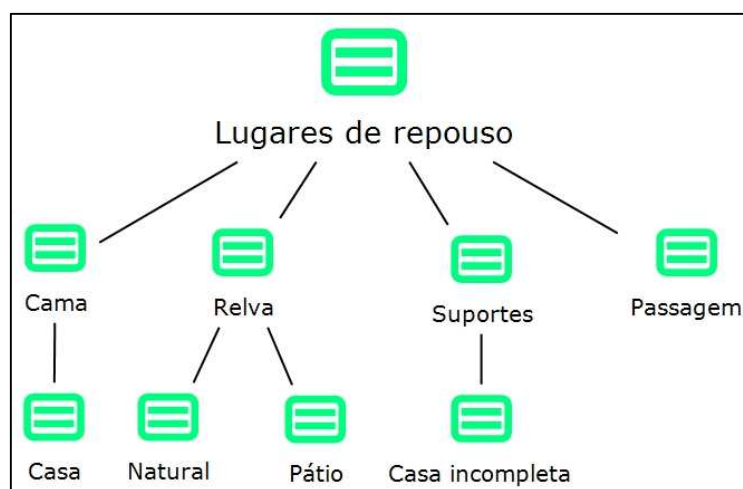


Figura 5 – Lugares de repouso (Diagrama)

A subcategoria **Lugares de repouso** (Figura 5) apresenta uma estrutura linear e algo simples, muito sustentada por um conteúdo muito associado à necessidade de descrever os elementos constituintes da obra em referência. Assim, a subcategoria **Lugares de repouso** que surge como resposta imediata às questões que suscitaram e formaram a **Agenda da Discussão** Ex: “Quero responder à do IND 9. Eu acho que isto quer dizer que são dois lugares onde se pode descansar, deitar, na cama ou na relva. E também queria responder ao IND 6 sobre os cogumelos, acho que é só para dar um ar mais natural.” IND 5 (Masculino), revela não só uma estrutura muito semelhante à da própria **Agenda da Discussão** como também apresenta uma amplitude de significação dos espaços definidos na obra e que definem as subcategorias:

Cama entendida como lugar onde se pode descansar ou dormir é também identificada, como tal, por associação ao termo **Casa** referência directa ao título da obra Ex: “Ah, casa com pátio! Isto aqui representa o interior da casa, o quentinho (...).” IND 9 (Masculino), mesmo porque a associação ao título obriga a uma identificação imediata Ex: “(...) mas na verdade, o que ela é de início, o que ela é à primeira vista, é uma cama não é mais nada!” IND 9 (Masculino);

Relva é associada ao mesmo contexto de repouso que a casa, porém, visa um contexto associado à natureza ou **Natural** Ex: “Nós humanos, normalmente, dormimos em camas, e os animais, normalmente, dormem na relva (...).” IND 7 (Feminino), assim, neste contexto a concepção de ideia de **Pátio** denuncia algumas hesitações Ex: “Um pátio é uma coisa interior ou exterior? Se for uma coisa interior mas estiver no meio de coisas é um pátio na mesma?” IND 6 (Masculino) cujo esclarecimento foi remetido ao CONV1 “Pátio interior, quando está rodeado de edificações chama-se pátio interior, pode haver pátios que são exteriores.”

Suportes surge enquadramento das primeiras percepções registadas na **Agenda da Discussão** “Para que é que servem os suportes atrás?” IND 8 (Masculino), que para serem reconhecidas ou confirmadas são submetidas pelo CONV1 a uma interpretação objectiva e/ou funcional Ex: “(...) se tudo ficou claro, então, eu gostava de perceber como é que vocês relacionam os dois suportes que fazem alusão à questão do IND 8. Nós vamos ter estas duas estruturas, qual é?” ou seja, este será o elemento de ligação entre *cama* e *relva* Ex: “Eu acho que é porque nas camas, algumas, podem ter à frente ou atrás uma elevação ou mesmo uma cómoda como se fosse uma mesinha de cabeceira. No pátio pode representar um banco.” IND 1 (Masculino), ou ainda, Ex: “(...) pode representar as paredes da casa, mas eu não digo isso porque só há naquele lado e aquilo é um muro, mas só há daquele lado. Por isso parece ser uma coisa um bocado estranha.” IND 8 (Masculino). Assim, **Casa incompleta** surge nesta fase da **Discussão** como versão ainda difusa do sentido da obra Ex: “Eu acho que fazia sentido se tivesse aqui, aqui e ali. Aqui no meio não, porque é como se fosse a porta da passagem da casa para o jardim. Também poderia ser a cerca, mas só assim... só se a casa estivesse incompleta.” IND 8 (Masculino).

Passagem é o termo utilizado no contexto interpretativo que identifica a possível fragmentação interna da obra e que se observa no exemplo anterior.

A subcategoria **Lugares de repouso** (Figura 5) não apresenta qualquer tipo de intersecção interna externa.

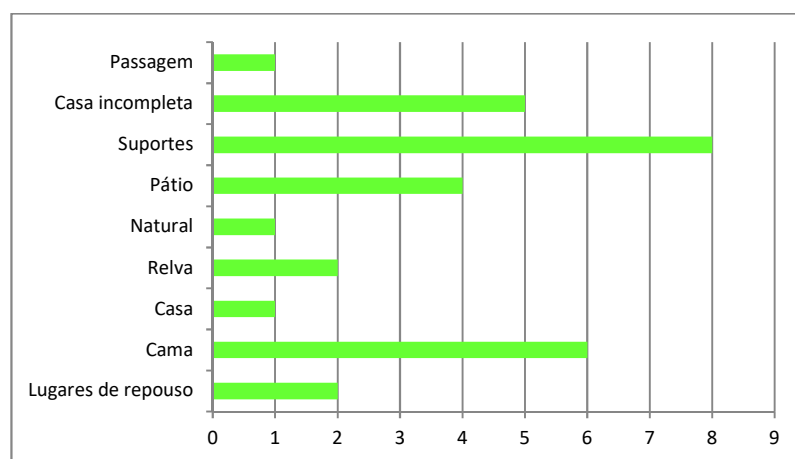


Tabela 3 – Lugares de repouso (ARTD)

A ARTD da subcategoria **Lugares de repouso** (Tabela 3) refere a natural circunstância de um discursivo desenvolvido imediatamente a seguir à constituição da **Agenda da Discussão** e que se encontra ainda muito imbuído da associação do reconhecimento à interpretação.

Assim, a subcategoria **Lugares de repouso** apresenta um grau de relevância médio-baixo e que se estende à subcategoria **Cama** com um grau de relevância alto e que se associa ainda à subcategoria **Casa** com uma relevância diminuta; à subcategoria **Relva** com um grau de relevância muito baixo que se associa ainda à subcategoria **Natural** com uma relevância diminuta e à subcategoria **Pátio** com um grau de relevância médio; à subcategoria **Suportes** com um grau de relevância elevado e que se associa à subcategoria **Casa incompleta** com um grau de relevância médio; e ainda, à subcategoria **Passagem** com uma relevância diminuta.

Título Vs Obra

Code: **DISCUSSÃO** \ Título Vs Obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização descritiva e Categorização por valorização

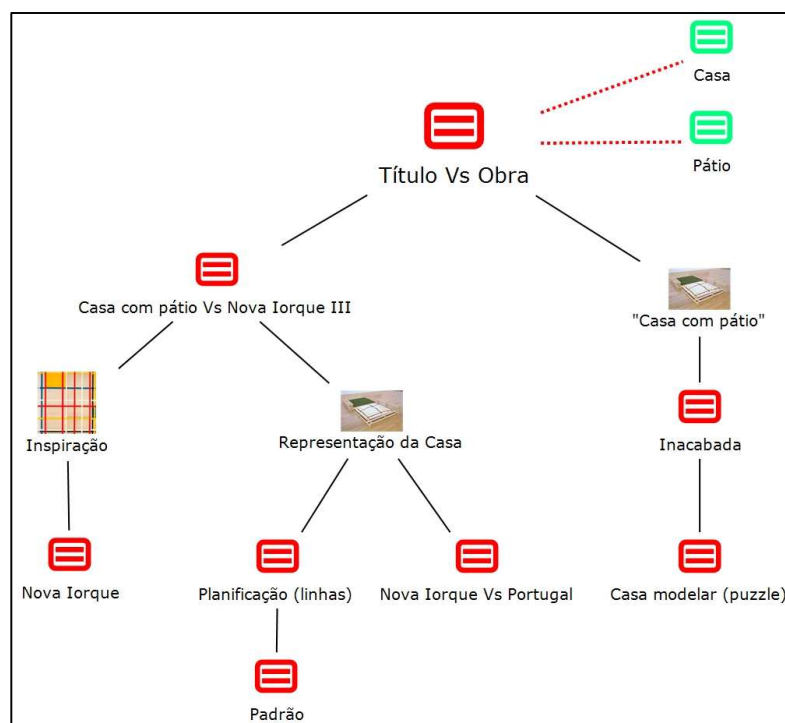


Figura 6 – Título vs Obra
(Diagrama)

A subcategoria **Título vs Obra** (Figura 6) apresenta uma estrutura complexa e algo densa que procura apresentar os enredos intrincados enunciados nesta fase da **Discussão**. Ou seja, podemos observar duas estruturas interpretativas nucleares: uma que se debruçou sobre a possível relação que sobrevém dos títulos das obras em

referência, ou seja, a instalação *Casa com pátio* e a imagem fotocopiada de Mondrian *Nova Iorque III (inacabada)*; a outra reforça a observação directa da instalação *Casa com pátio* com os elementos que a constituem e o espaço definido pela própria obra.

Assim, **Casa com pátio Vs Nova Iorque III** foi patenteada pelas várias intervenções preconizadas pelos facilitadores Ex: “Há uma coincidência ou não, no padrão deste tecido com aquela pintura?” INV e, posteriormente, reforçada pelo CONV1 Ex: “E o que me têm a dizer sobre o facto de este padrão de riscas do tecido da cama ser tirado de um quadro de Mondrian que faz alusão a Nova Iorque?”, que se alargou à necessária alusão do que já havia sido referido “Mas como é que vocês articulam isso com as entradas e referências que têm aqui?” CONV1. De facto, a obra *Nova Iorque III* foi referenciada como tendo sido o núcleo de **Inspiração** da autora, uma representação de **Nova Iorque** de “(...) uma quantidade de edifícios e os seus pátios interiores.” IND 6 (Masculino). Por sua vez, a associação das duas obras permite observar a obra *Casa com pátio* como uma **Representação da Casa** Ex: “(...) é que a cama existe dentro de casa, por isso, é uma maneira de representar a casa.” IND 5 (Masculino), que se observa segundo duas possibilidades: a sua possível configuração sujeita a uma **Planificação** que é deduzida através das *linhas* representadas na obra *Casa com pátio* Ex: “(...) Depois estas linhas que estão nesta cama podem ser efeito ou podem ser partes da casa, tipo uma coisa que esteja planificada, mas só que se estivesse em 3D, se calhar faria a casa toda, fechada.” IND 1 (Masculino), ou na interpretação directa da imagem da obra *Nova Iorque III* Ex: “Se calhar esta coisa aqui a amarelo neste quadro pode ser uma casa, e o resto, isto pode ser uma rua que passa ao lado da casa, isto pode ser um bocado de jardim, isto pode ser um muro, e é outra rua e outra rua que vem a seguir. Não sei se em Nova Iorque há casa assim, mas pronto!” IND 1 (Masculino), e que se desenvolve segundo um **Padrão** representado nas em ambas as obras “E o que me têm a dizer sobre o facto de este padrão de riscas do tecido da cama ser tirado de um quadro de Mondrian que faz alusão a Nova Iorque?” CONV1 e que suscitou a manifesta associação à obra de Mondrian Ex: “Porque são as avenidas e as ruas de Nova Iorque!” IND 6 (Masculino); e ainda, a relação explicativa por contrastes **Nova Iorque Vs Portugal** Ex: “Nós pensamos que isto aqui poderia ser uma alusão a dois países que era Nova Iorque e Portugal: isto é Nova Iorque a peça chama-se *Nova Iorque*, tem muitas avenidas. E aqui somos nós, porque tem muito trabalho agrícola... é a evolução tecnológica!” IND 6 (Masculino).

Explorar a possibilidade de ligação ou associação de elementos possibilitou, por sua vez, que os discursos se debruçassem exclusivamente na obra **“Casa com pátio”** para abordar a ideia de *incompletude* referida anteriormente pelo IND 8, porém, com o intuito de particularizar a sua natureza de **Inacabada** Ex: “Eu acho que se for inacabado, é um inacabado mas para dar uma sugestão.” IND 6 (Masculino), por associação directa a sua forma de **Casa modelar (puzzle)** muito ligada à observação directa e particularizada da obra Ex: “(...) Eu estive a ver a estrutura ali debaixo e é sempre uma estrutura plana. Neste [lado] aqui tem umas partes assim para continuar. Eu acho que é como se fosse uma espécie de puzzle [para que] as outras partes da casa se encaixassem. Por isso, é que isto aqui é só a cama, que é como se representasse só o quarto. E acho que, supostamente, depois deveria haver

outros bocados que se encaixavam e formariam uma casa inteira. E só daquele lado, supostamente, é como se fosse uma parede, e se calhar há mais para ali, mais por ali e mais para aqui. Por isso é que não mais paredes.” IND 8 (Masculino).

A subcategoria **Título vs Obra** (Figura 6) apresenta evidentes intersecções exteriores à subcategoria **Lugares de repouso (Casa e Pátio)** uma vez que, nesta fase da **Discussão**, revelou-se não só o interesse em seguir outras pistas que apesar de intimamente ligadas às obras, são-lhes exteriores, isto é, os seus títulos, como também em observar concepções anteriores dos elementos que constituem a própria obra *Casa com pátio*.

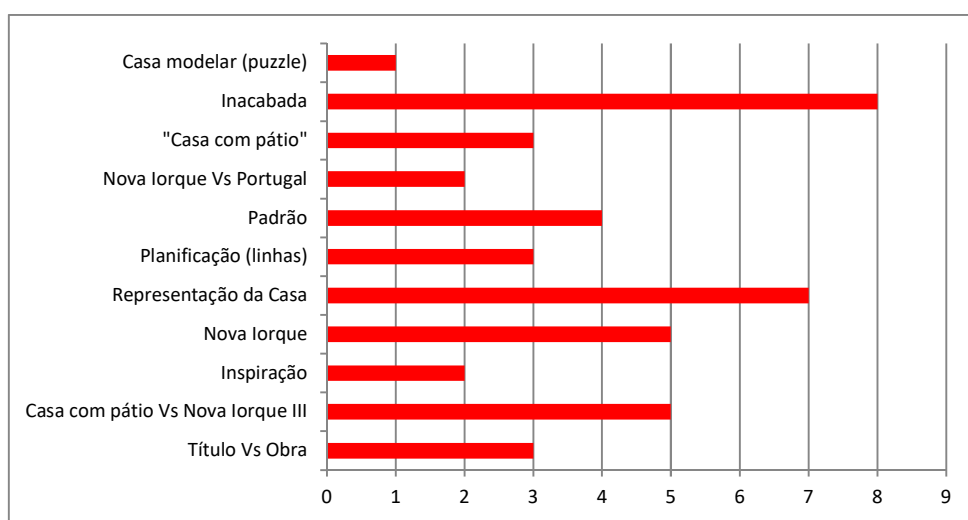


Tabela 4 – Título Vs Obra
(ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Título vs Obra** (Tabela 4) esta apresenta um grau de relevância média e que se estende às suas subcategorias:

- **Casa com pátio Vs Nova Iorque III** com uma relevância média e que se estende às subcategorias:
 - **Inspiração** que apresenta um grau de relevância baixa e que se estende à subcategoria **Nova Iorque** com um grau de relevância médio;
 - **Representação da Casa** que apresenta um grau de relevância elevado e que se estende às subcategorias:
 - **Planificação** com um grau de relevância médio e que inclui a subcategoria **Padrão** com um grau de relevância médio; e ainda, **Nova Iorque Vs Portugal** com um grau de relevância baixo.
- **“Casa com pátio”** que apresenta um grau de relevância média e que se estende à subcategoria **Inacabada** com um grau de relevância elevado e que, por sua vez, se prolonga na subcategoria **Casa modelar (puzzle) Padrão** com um grau de relevância diminuto.

Leitura da Obra

Code: **DISCUSSÃO** \ Leitura da Obra

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização por estruturação

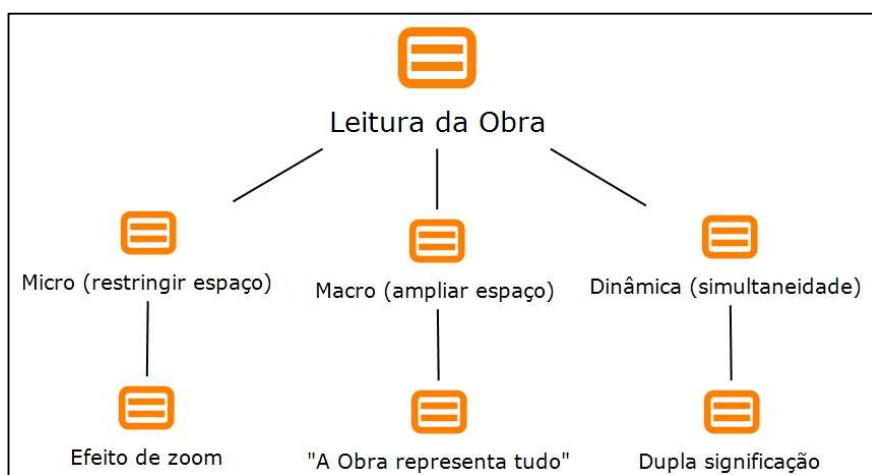


Figura 7 – Leitura da Obra
(Diagrama)

A subcategoria **Leitura da Obra** (Figura 7) apresenta uma estrutura linear simples. A qualidade de observação crítica dos elementos referenciados na obra, o modo como interpretação destes evolui ofereceu a possibilidade de assinalar as suas fases referenciais, isto é, observou-se o desenvolvimento de um movimento discursivo que especificou a estrutura argumentativa, assim, tal como foi observado pelo CONV1 “Cada uma destas coisas pode representar coisas que vão desde do mais privado até ao mais amplo possível, o que é que isto poderá querer dizer?” que, posteriormente, por terem referenciado como distintos os espaços definidos na obra, a leitura dos mesmos poderia considerar uma determinada *ordem de grandeza* Ex: “Se nesta peça, se nós tivemos de seguir uma ordem de grandeza, vocês acham que nesta peça a coisa está a ser trabalhada do maior para o mais pequeno ou do mais pequeno para o maior, ou, em ambos os sentidos e porquê?” CONV1.

Deste modo, a subcategoria **Leitura da Obra** foca-se no desenvolvimento dos conceitos abordados, no desenvolvimento interno do que à partida foi reconhecido e, seguidamente, alterado pelas diferentes interpretações que assumiu.

Neste contexto a subcategoria **Leitura da Obra** observa como o movimento de construção conceptual que se eleva em conformidade com essa *ordem de grandeza* do seguinte modo:

- **Micro** por *restrição do espaço* Ex: “Eu acho que cada coisa inclui a outra: uma cidade inclui a casa, casa inclui a cama; o campo inclui a relva, a relva inclui o pátio...” IND 10 (Masculino) em que a narrativa se manifesta por analogia ao **Efeito de zoom**, ou seja, como se a linguagem se circunscrevesse segundo movimentos de obturação

que focalizam a construção da ideia Ex: “Eu acho que é do maior para o mais pequeno... se for do mais pequeno para o maior, acho que fica diferente. Se for pátio, relva e campo, acho que de forms fazendo um zoom.” IND 10 (Masculino);

- **Macro** por ampliação do espaço, uma vez que o espaço considerado será a obra total, isto é, “**A Obra representa tudo**”, a totalidade de todas as ideias, simbologias ou analogias sugestionadas pela relação dual obra-observador Ex: “ (...) Eu acho que é porque isto pode demonstrar como uma peça pode representar tudo: este aqui pode representar uma coisa pequena como uma cama a uma coisa gigante como uma cidade, aquele pode representar desde um pátio pequeno até um campo gigante cheio de relva. Acho que quer demonstrar como as peças podem conter tudo lá dentro.” IND 8 (Masculino);

- **Dinâmico** por convivência de uma observação sustentada numa narrativa intermitente, ou seja, uma dinâmica que auxilia a **Dupla significação**, fundamental à agregação de narrativas ambivalentes Ex: “ (...) este aqui representa uma cama mas, ao mesmo tempo, como eles disseram uma cidade e que aquilo eram as ruas e as ruas já estão lá marcadas mas estão no formato de uma cama, por isso, é como se fossem os dois ao mesmo tempo. E ali, está a relva como pode ser feito como um pátio ou feito como uma coisa grande. Porque só a relva assim num estado pequeno faz parecer um pequeno quintal, um pátio. Se vires com os cogumelos, aquilo também está um bocado húmido a relva, com um bocado de água, já parece ser um campo grande. ” IND 8 (Masculino).

Poderá considerar-se a intervenção do CONV1 direccionada para um propósito ao qual as crianças-participantes poderiam ser alheia, contudo, a mesma ofereceu a esta investigação a pertinência da observação de como as crianças-participantes reflectem o processo de construção dos seus próprios conceitos, e ainda, como este processo, que aparentava uma natureza diferente, se manteve mesmo sentido especulativo da interpretação da obra.

A subcategoria **Leitura da Obra** (Figura 7) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

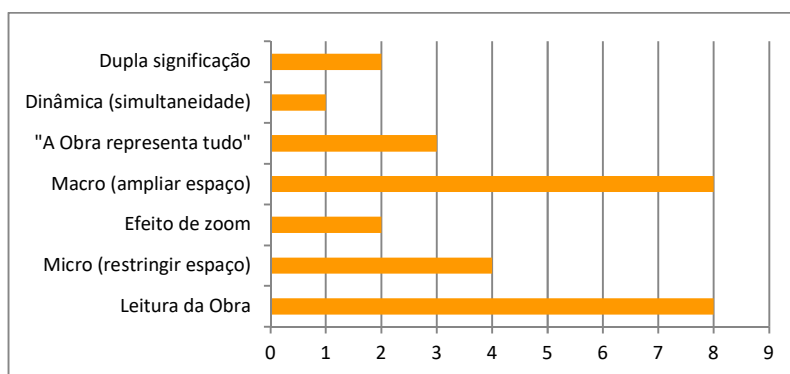


Tabela 5 – Leitura da Obra (ARTD)

Na ARTD da subcategoria **Leitura da Obra** (Tabela 5) apresenta um nível de relevância elevado que se estende às subcategorias:

Micro (restringir espaço) com um grau de relevância médio e que se associa ainda à subcategoria **Efeito de zoom** com um grau de relevância baixa;

Macro com um grau de relevância elevado e que se associa à subcategoria **“A Obra representa tudo”** com um grau de relevância baixo;

Dinâmico com um grau de relevância diminuto e que se estende à subcategoria **Dupla significação** com um grau de relevância baixa.

Obra aberta ou fechada?

Code: **DISCUSSÃO** \ Obra aberta ou fechada?

Classificação: SUBCATEGORIA 1 - Categorização por valorização

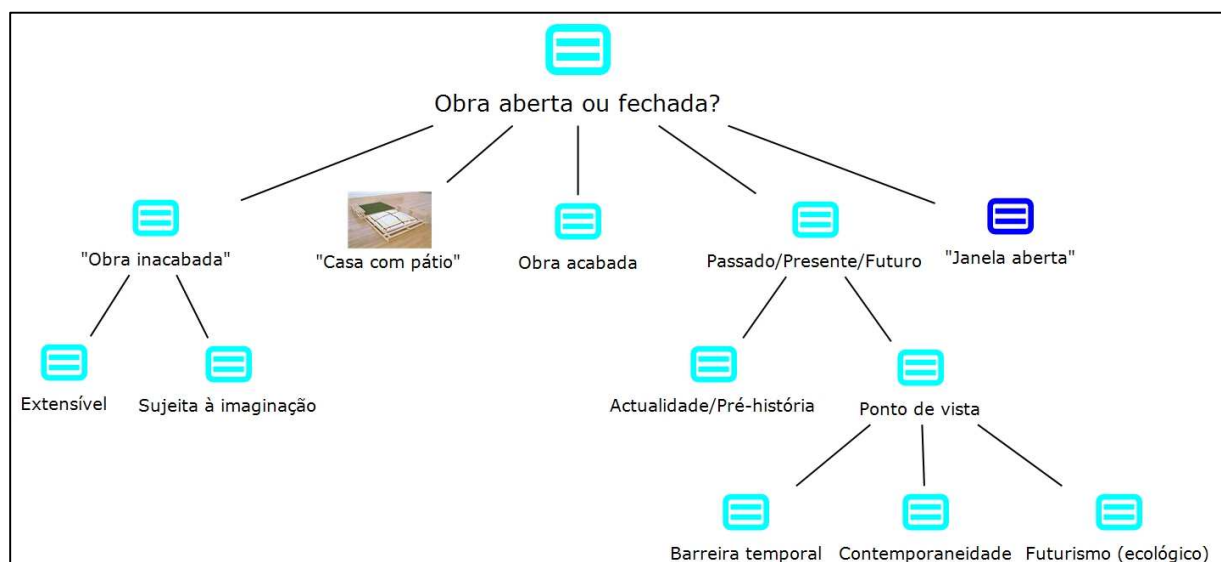


Figura 8 – Obra aberta ou fechada?
(Diagrama)

A subcategoria **Obra aberta ou fechada?** (Figura 8) apresenta uma estrutura linear e extensa directamente focada no propósito da obra, em que a observação directa e focada dos elementos anteriormente seleccionados exigiram agora uma interpretação ou contextualização agregadora de sentidos.

Esta fase final da **Discussão** permitiu observar como a edificação de sentido mantém-se em aberto, pelo que, a **Discussão** é finalizada com a apresentação de uma outra direcção, uma outra *janela aberta* para o entendimento do sentido da obra. Assim, subcategoria **Obra aberta ou fechada?** surge por intervenção do CONV1 “Nesta transição de escala do maior para uma mais pequena, como é que vocês lêem a estrutura que suporta estas duas dimensões,

esta coisa de uns lados, inacabada? Como é que vocês ligam isto com estas dimensões de que estamos a falar? Há alguma ligação? Há alguma razão de ser? A obra está acabada ou inacabada? É uma obra aberta ou fechada?” e estrutura-se do seguinte modo:

“**Obra inacabada**” surge associada à possibilidade de *modelação* do espaço à semelhança, do que foi referido como *puzzle*, neste sentido é passível usufruir da qualidade de ser **Extensível** Ex: “Eu acho que é, também tive aquela ideia de que acho que é um puzzle, mas como isto também é imitar a obra que está inacabada, eu acho que eles só puseram um bocado para ficar inacabada tal como a outra obra, e não-de aparecer como se possa estender, ser pequeno ou grande.” IND 8 (Masculino), por sua vez, este carácter de *inacabado* obriga a que a obra seja pensada e **Sujeita à imaginação** de quem a goza Ex: “Eu acho que a peça em que isto é inspirado é inacabada e por isso, as paredes que estão à volta estão inacabadas. É uma coisa inacabada, temos de pensar muito bem, imaginar.” IND 6 (Masculino);

“**Casa com pátio**” revela um olhar que aceita a construção de um sentido muito próximo da primeira análise interpretativa, aquela que se estrutura ou remete à experiência vivencial do quotidiano Ex: “Eu acho que contínuo com a mesma ideia, mas para isto ser uma casa e para aquilo ser um jardim ou algo assim, aquilo também pode ser uma casa. Nas nossas casas nós guardamos comida e temos um sítio para repousar, para os animais a relva é exactamente o mesmo. Os cogumelos são a comida e a relva é onde eles repousam.” IND7 (Feminino), porém, posteriormente, a mesma observação irá procurar uma extensão do quotidiano frugal para uma visão sincrónica (através dos conceitos associados à subcategoria **Passado/Presente/Futuro**);

Obra acabada surge por intervenção do IND 2. Apesar da simplicidade dos conceitos anunciados, os mesmos deverão ser referenciados por constituírem a exemplificação de um discurso construído ou baseado na carência de projecção para lá do imediatamente entendível Ex: “Eu acho que isto é uma cama e que está acabado, porque, aquela parte ali e aquele suporte pode ser para suportar os livros, pode ser para suportar as coisas, como há muitas camas que têm, os suportes em cima.” IND 2 (Masculino), ou seja, observa-se como o registo inicial da percepção dos elementos que sobressaem na **Agenda da Discussão** se mantêm na construção argumentativa do IND 2. A sua intervenção constituiu nesta fase da **Discussão** um hiato que, no entanto, foi acompanhado pelo CONV1 e respeitado por todas as crianças-participantes.

Passado/Presente/Futuro surge no encaixe argumentativo anteriormente lançado pela subcategoria “**Casa com pátio**”, porém, desenhando um outro contexto antagónico que visa simultaneamente os conceitos de **Actualidade/Pré-história** Ex: “(...) Então, podia ser a mesma coisa [que a IND 7] mas não são animais e nós, mas nós, antigamente, os pré-históricos e nós actualmente, os humanos actualmente e os humanos pré-históricos que dormiam na relva” IND 4 (Masculino), que teve seguimento imediato na intervenção do CONV1 que a foca ou firma dirigindo-a directamente ao IND 8 Ex: “O IND 4 apresentou uma outra dimensão. Para além de diferentes espaços, nós podemos estar aqui a confrontar-nos com diferentes tempos, o que achas disto?”. A convivência antagónica dos conceitos temporais foi identificada nos espaços definidos na obra Ex: “Este aqui, onde nós estamos,

é o futuro e o outro é passado” IND 8 (Masculino), pelo que foi necessário edificar um determinado **Ponto de vista** (Figura 9) que permitisse conceder alguma maleabilidade ao conceito de tempo bastando, para isso, apenas mudar de lugar de observação Ex: “Eu acho que é o ponto de vista. Há pessoas que acham que não dá para andar para trás ou ir para a frente, mas há outras que acham. Por isso, se vieses por este lado, isso já pode acontecer.”

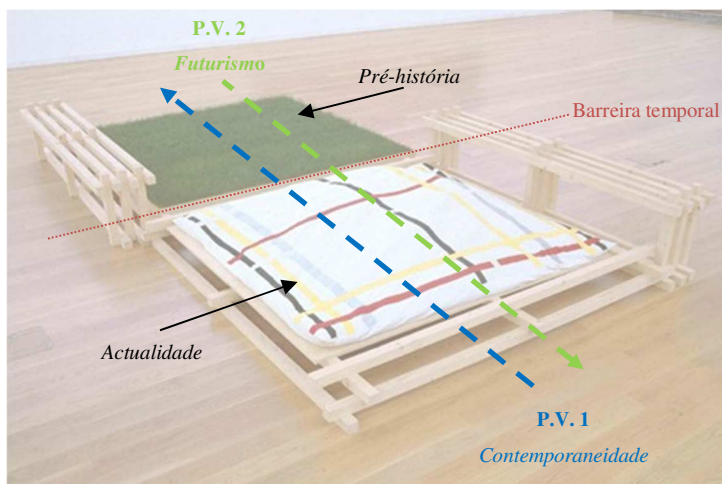


Figura 9 – Casa com Pátio
(Exemplificação do conceito *Ponto de vista*)

A observação directa da obra, o confronto com a experiência no corpo em observação, a alternância dos conceitos que se constituíram a propósito deste movimento de retorno à obra, toleraram a organização da ideia através de uma possível **Barreira temporal** uma vez que a experiência do tempo presente não se identificava com nenhum elemento constituinte na obra Ex: “Isto aqui também tem de ter uma divisão porque, se aqui é o futuro, ali é o passado e isto aqui está fechado para o futuro, mas tem uma passagem para o passado.” IND 6 (Masculino).

Assim, a *barreira temporal* obrigou a que se considerasse a **Contemporaneidade** como uma *nova dimensão* com uma *representação* específica Ex: “Eu concordo, e até se pode dar uma nova dimensão. Aqui é o futuro e o passado, como o IND 8 disse, e aqui é o presente, é o que nós estivemos a falar até agora, aqui é uma nova dimensão! Aqui é a dimensão do futuro, é isto aqui no futuro que tem uma representação, aquilo ali é o passado e tem outra representação, mas no presente cada um deles tem uma representação que é o ponto de vista do CONV1 e da INV que é: a cama e pátio, casa e relva, a cidade e o campo, isto existe no presente, no futuro pode-se encontrar uma nova representação para isto, tal como no passado se encontraria uma nova representação para isto.” IND 6 (Masculino), ou seja, a ideia de *contemporaneidade* representa a coexistência da simultaneidade de conceitos: se por um lado a obra representa no seu espaço a corporificação do tempo entendido como passado e o futuro, o presente é definido pelo lugar fora da obra onde se estabelece esse *ponto de vista* (P.V. 1). A *contemporaneidade* submete a interpretação a uma irrepetibilidade.

Porém, surge ainda o ensejo de especular através da obra um contexto que visa um **Futurismo ecológico**. Ao manter-se o mesmo *ponto de vista* (P.V. 1) poder-se-á observar a possibilidade de Ex: “Se calhar são pessoas que acreditam de uma maneira muito futurista de que podemos vir a ter uma Terra como dantes.” IND 7 (Feminino), se posição do *ponto de vista* for invertida (P.V. 2) “É voltarmos atrás e termos o mundo sem ser poluído!” IND 7 (Feminino). Ou, ainda, num sentido mais positivista Ex: “É como se desse para passar para aqui e para ali, para os dois lados. De um lado há-de ser um mundo cheio de relva, todo verde e sem poluição, e outro lado que continua a ter muitas máquinas futuristas!” IND 8 (Masculino).

Por último, no final da **Discussão** surge ainda a intervenção do IND 4 patenteado na subcategoria “**Janela aberta**” que observa a vontade latente de um dizer que se quer em contínuo, aberto a várias possibilidades, em interacção com o meio e dirigido a um outro ausente como uma *janela que se quer aberta* apenas “ (...) porque poderia, o autor querer dizer que a vida é como uma janela aberta.”

À semelhança de fenómenos observados em Sessões anteriores, a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** assume narrativas que visam um remate conclusivo e focado, onde a alternância dos pontos de vista referenciados pelas crianças-participantes coabitam no espaço da **Discussão**, onde a ambivalência dos *pontos de vista* premeia sempre o processo integrador dos possíveis sentidos da obra.

A subcategoria **Obra aberta ou fechada?** (Figura 8) não apresenta quaisquer intersecções internas ou externas.

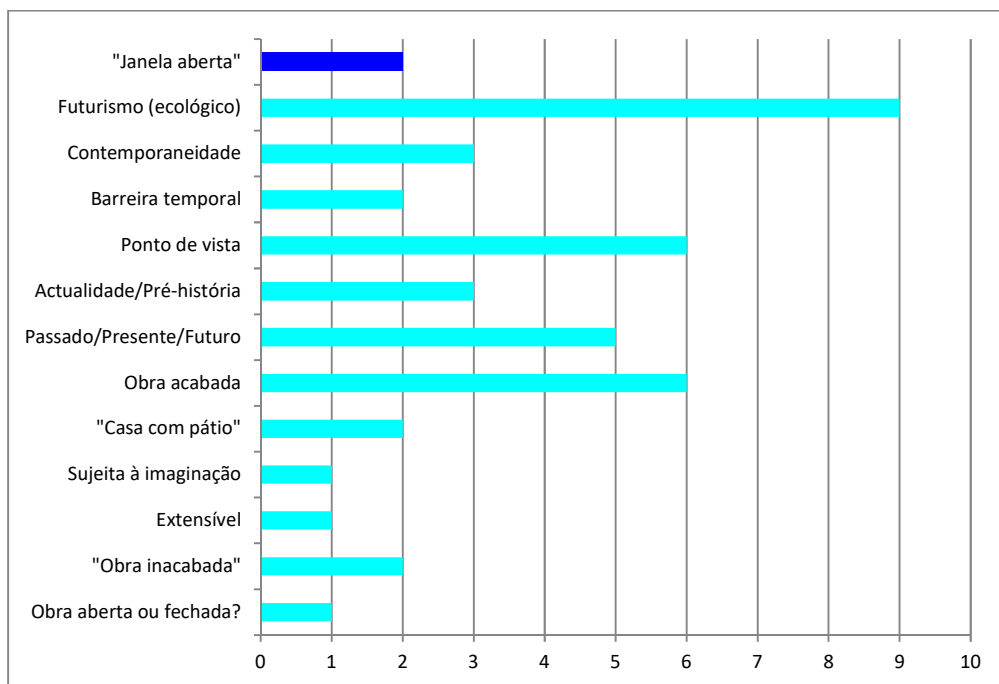


Tabela 6 – Obra aberta ou fechada?
(ARTD)

Na ARTD a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** (Tabela 6) apresenta um grau de diminuto, porém, numa perspectiva global a relevância teórica associada a esta subcategoria pode ser considerada como elevada. Assim, a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** estrutura-se por dilatação às seguintes subcategorias:

- **“Obra inacabada”** que apresenta um grau de relevância muito baixa e que se estende às subcategorias:
 - **Extensível** com um grau de relevância diminuto;
 - **Sujeita à imaginação** com um grau de relevância diminuto;
- **“Casa com pátio”** que apresenta um grau de relevância muito baixa;
- **Obra acabada** que apresenta um grau de relevância médio-alto;
- **Passado/Presente/Futuro** que apresenta um grau de relevância médio e que se estende às subcategorias:
 - **Actualidade/Pré-história** com um grau de relevância baixo;
 - **Ponto de vista** com um grau de relevância médio-alto e que se constitui ainda das subcategorias:
 - **Barreira temporal** com um grau de relevância muito baixa;
 - **Contemporaneidade** com um grau de relevância baixa;
 - **Futurismo (ecológico)** com um grau de relevância elevado;
- **“Janela aberta”** que apresenta um grau de relevância muito baixa.

ANÁLISE DE RELEVÂNCIA DA DISCUSSÃO POR GÊNERO (Crianças-participantes e Adultos)

A ARDG do R13A manteve o protocolo proposto no R1A. A ARDG trata de um tipo de análise mais fechada que se desenvolveu a partir da análise dos interesses temáticos revelados na ARTD de modo a possibilitar que se constituam as *questões de referência* (Figura 10).

A ARDG (Crianças-participantes) do R13A mantém os mesmos parâmetros metodológicos delineados e apresentados no R1A, pelo que, apenas incide nos comentários e argumentos mais relevantes das crianças-participantes para as questões de referência. A ARDG (Adultos) das intervenções da INV e do CONV1 foram de igual modo consideradas separadamente, por serem adultos.

Tal como no R1A, a ARDG da R13A, permitiu que se constituísse RAPI (Crianças-participantes) e RAPI (Adultos) de cada indivíduo considerado.

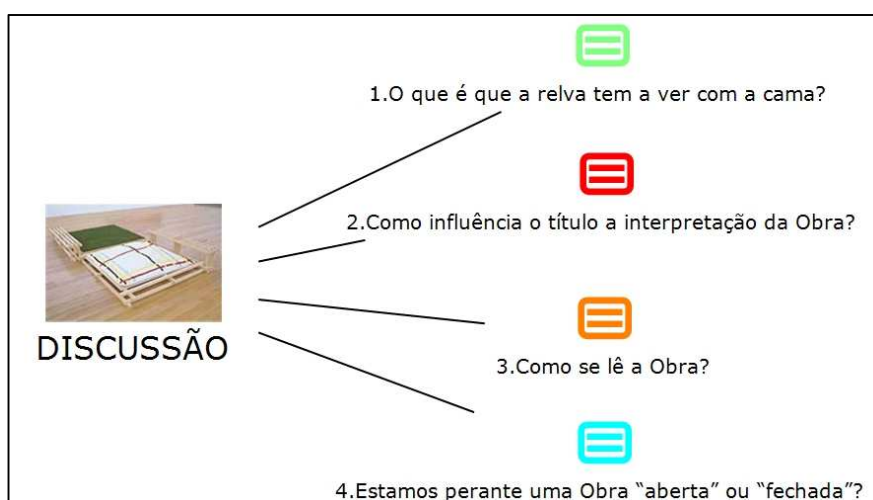


Figura 10 – Questões de Referência
(Diagrama)

Na 13ª Sessão A ARDG (Crianças-participantes e Adultos) considerou as seguintes questões de referência (Figura 10):

1. **O que é que a relva tem a ver com a cama?** que se prenuncia na 2ª Questão da **Agenda da Discussão** e que assume o tom inicial de uma fase que se estrutura directamente na percepção dos elementos constituintes da obra. Esta mesma intervenção reverbera ainda nas questões seguintes, com excepção da 1ª questão que oferece de imediato um possível reconhecimento ou interpretação do sentido da obra;

2. **Como influência o título a interpretação da Obra?** expõe como foi confrontado o vinculado da obra ao seu título. Esta questão surge envolta na relação comportamental específica da obra em referência com a imagem fotocopiada da obra de Mondrian, *Nova Iorque III*. De facto, a dado momento, o IND 8 observa a folha de papel que foi deixada supostamente ao acaso perto das crianças-participantes. De início a informação foi assimilada naturalmente e os equívocos de nomeação esclarecidos, porém, posteriormente, é assumido que a leitura da obra teria feito “(...) mais sentido se as pessoas, à primeira, tivessem lido logo o título.” IND5 (Masculino). Assim, a **Discussão** assume a natureza inspiradora da obra de Mondrian que é evocada na procura de analogias ou referências entre as mesmas Ex: “Porque o que o IND 8 disse o que estava ali escrito e disse “Nova Iorque” e eu pensei, se calhar isto não quer dizer uma cama.” IND6 (Masculino) e, ainda, associando a constituição inerente a ambas as obras reconhecer em ambas uma linguagem padronizada que lhes garante a sua natureza inacabada Ex: “Eu acho que é, também tive aquela ideia de que acho que é um puzzle, mas como isto também é imitar a obra que está inacabada, eu acho que eles só puseram um bocado para ficar inacabada tal como a outra obra (...).” IND8 (Masculino);
3. **Como se lê a Obra?** que faz referência à intervenção do CONV1 que introduziu, por conveniência da natureza delineada pela própria **Discussão**, a necessidade de observar o modo como os conteúdos anunciados durante a **Discussão** se desenvolveram e como se relacionam entre Ex: “Quero convocar-vos para uma coisa que tem acontecido ao longo desta **Discussão**. Já aconteceu nesta parte da peça e aconteceu também naquela, e queria que vocês pensassem um bocadinho sobre isto. Vocês já discutiram esta peça a partir da noção de cama, foi a primeira que vos chamou à atenção, de cama passámos a casa e de casa a cidade. Aquele outro lado da peça, vocês começaram a discutir como relva, cogumelos, segundo alguém para dar um ar mais natural, mais selvagem, e depois pátio. Portanto, para os dois lugares desta peça vocês encontraram 3 dimensões diferentes: a mais restrita de todas, cama deste lado pátio daquele; a intermédia, casa deste lado e relva ali; e depois, finalmente, cidade para este lado e campo (cogumelos) para o outro, uma coisa mais natural, mais selvagem. O que vocês acham de tudo isto? Foram vocês que convocaram estas 3 instâncias para cada lugar da peça. O que pode estar aqui em causa? Foi um mero acaso? O que é que se passa?”;
4. **Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?** estabelece-se através da intervenção do CONV1 “Nesta transição de escala do maior para uma mais pequena, como é que vocês lêem a estrutura que suporta estas duas dimensões, esta coisa de uns lados, inacabada? Como é que vocês ligam isto com estas dimensões de que estamos a falar? Há alguma ligação? Há alguma razão de ser? A obra está acabada ou inacabada? É uma obra aberta ou fechada?” que abre a **Discussão** para

a sua fase final, em que as crianças-participantes constituem argumentações interpretativas da obra referenciada isoladas ou em conjunto.

1. O que é que a relva tem a ver com a cama?

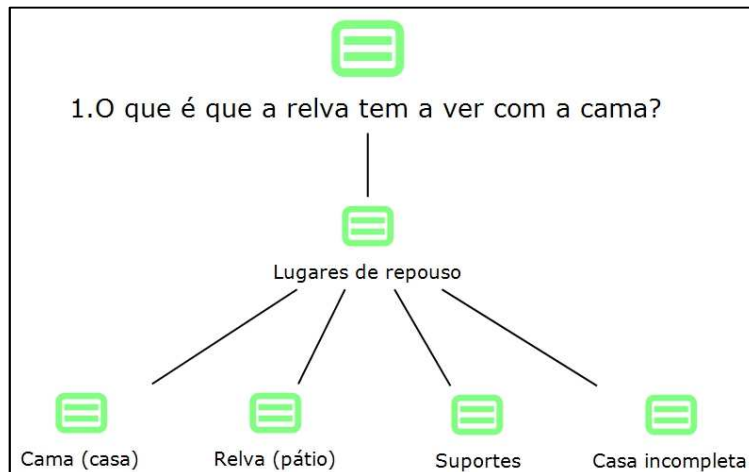


Figura 11 – 1. O que é que a relva tem a ver com a cama?
(Diagrama)

A questão **1. O que é que a relva tem a ver com a cama?** (Figura 11) apresenta uma estrutura entroncada simples e pouco expandida, e inaugura os interesses teóricos da **Agenda da Discussão** estruturados directamente na percepção dos elementos constituintes da obra (Figura 12).

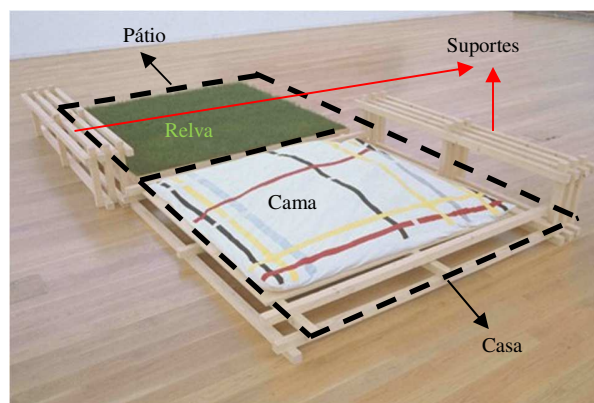


Figura 12 – *Casa com Pátio*
(Identificação de elementos constituintes da obra)

Assim, neste contexto e com já havia sido referido anteriormente (pág. 22), a 1ª questão da **Agenda da Discussão** que oferece de imediato um possível reconhecimento ou interpretação do sentido da obra como a representação de possíveis **Lugares de repouso** que são observados enquanto: **Cama** como extensão representativa de *Casa* Ex:

“Depois estas linhas que estão nesta cama podem ser efeito ou podem ser partes da casa, tipo uma coisa que esteja planificada, mas só que se estivesse em 3D, se calhar faria a casa toda, fechada.” IND 1 (Masculino); **Relva** que segue a mesma linha de entendimento Ex: “Eu acho que isto quer dizer que são dois lugares onde se pode descansar, deitar, na cama ou na relva. (...) sobre os cogumelos, acho que é só para dar um ar mais natural.” IND 1 (Masculino); **Suportes** cuja significação se desenvolve em torno de uma possível razão funcional Ex: “Eu acho que é porque nas camas, algumas, podem ter à frente ou atrás uma elevação ou mesmo uma cómoda como se fosse uma mesinha de cabeceira. No pátio pode representar um banco.” IND 8 (Masculino); e, ainda, **Casa incompleta** que encontra eco na intervenção da INV Ex: “(...) Não queres sugerir nada em relação ao facto de só haver duas partes que estão fechadas e todas as outras não?” que a devolve à **Discussão** depois de uma versão ainda difusa de um primeiro prenúncio do sentido da obra Ex: “Eu acho que fazia sentido se tivesse aqui, aqui e ali. Aqui no meio não, porque é como se fosse a porta da passagem da casa para o jardim. Também poderia ser a cerca, mas só assim... só se a casa estivesse incompleta.” IND 8 (Masculino).

Não se verificam quaisquer intersecções internas ou externas (Figura 11).

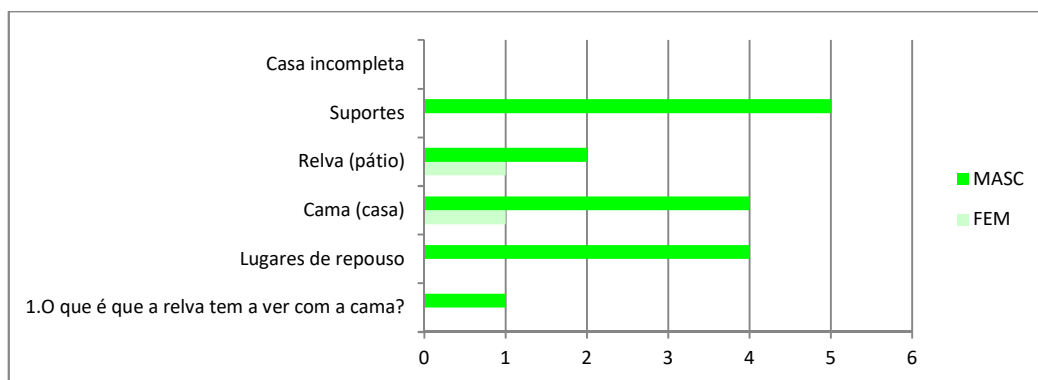


Tabela 7 – 1. O que é que a relva tem a ver com a cama?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) a questão **1. O que é que a relva tem a ver com a cama?** (Tabela 7) apresenta, na sua quase integralidade, uma forte intensidade na relevância discursiva para género masculino e diminuta para o género feminino. Assim, a questão **1. O que é que a relva tem a ver com a cama?** apresenta uma relevância diminuta apenas para o género masculino e que, por sua vez se estende à subcategoria **Lugares de repouso** com um grau de relevância alto apenas para o género masculino. Esta última compreende ainda as subcategorias:

- **Cama (casa)** com uma relevância alto para o género masculino e diminuta para o género feminino;
- **Relva (pátio)** com uma relevância média para o género masculino e diminuta para o género feminino;
- **Suportes** com uma relevância elevada apenas para o género masculino;
- **Casa incompleta** sem qualquer relevância uma vez que foi mencionada apenas pela INV.

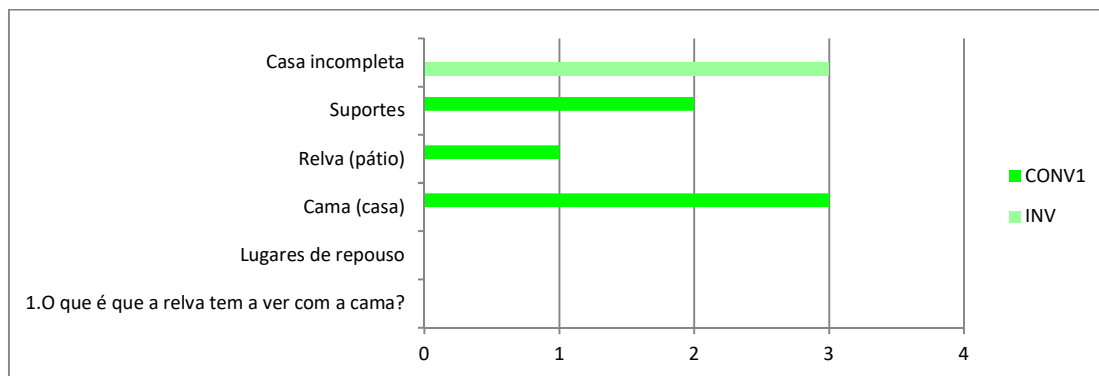


Tabela 8 – 1. O que é que a relva tem a ver com a cama?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (adultos) da questão **1. O que é que a relva tem a ver com a cama?** (Tabela 8) representa uma relevância constante com maior incidência para as intervenções do CONV1, porém, partilhada.

A partilha conjunta revelou uma intenção pertinente conjunta e rigorosa Ex: “Porque é que te interrogaste sobre a cama, sobre se era uma cama, sobre a identidade dessa cama?” CONV1 e Ex: “Mas a questão que foi levantada é que há zonas que não têm esses suportes? Só há duas partes que têm suportes.” INV e, ainda, de cunho meramente esclarecedor Ex: “Pátio interior, quando está rodeado de edificações chama-se pátio interior, pode haver pátios que são exteriores.” CONV1.

2. Como influência o título a interpretação da Obra?

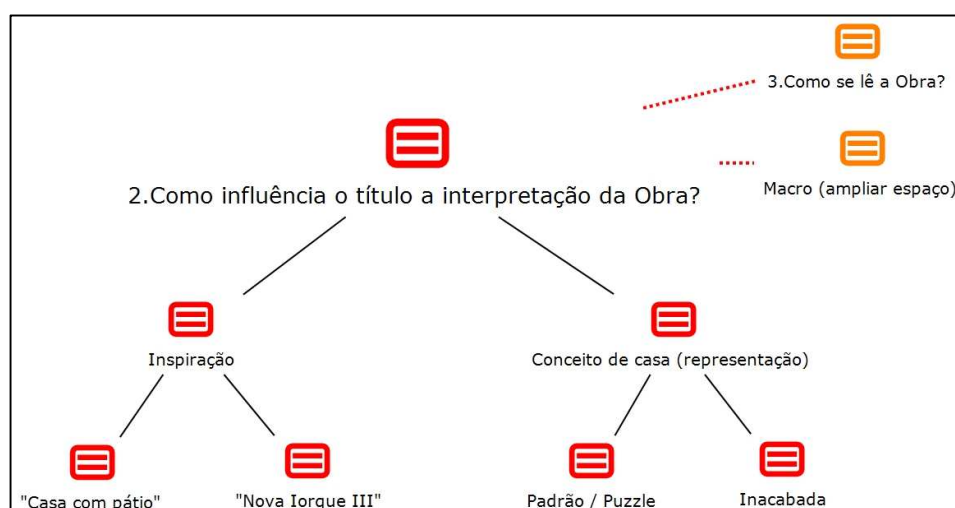


Figura 13 – 2. Como influência o título a interpretação da Obra?
(Diagrama)

A questão **2. Como influência o título a interpretação da Obra?** (Figura 13) apresenta uma estrutura entroncada e algo densa. Trata-se de uma questão que procura aferir como se estabelece a relação com o que, mesmo sendo intrinsecamente associado à obra, é-lhe exterior, isto é, o *título*. Ao longo das várias construções de sentidos possíveis colaboram para que se estabelecesse a relação obra/título Ex: “E o que me têm a dizer sobre o facto de este padrão de riscas do tecido da cama ser tirado de um quadro de Mondrian que faz alusão a Nova Iorque?” CONV1, a mesma, tornou ainda facilitou a observação de outros elementos funcionais que acompanham dando forma ao conceito de *obra inacabada* e ainda, como representação de um *conceito de casa* potencializado na obra. Assim, a questão que emerge da relação comportamental da obra em referência com a imagem fotocopiada da obra de Mondrian, *Nova Iorque III*, que segundo o IND 5, se tivesse sido apresentada inicialmente teria dado mais sentido às elações que se foram constituindo, é de que a forma simbólica da obra “Casa com pátio” funde-se através por **Inspiração** na obra de Mondrian Ex: “Porque o que o IND 8 disse o que estava ali escrito e disse “Nova Iorque” e eu pensei, se calhar isto não quer dizer uma cama.” IND6 (Masculino).

Numa primeira instância surge para a questão **2. Como influência o título a interpretação da Obra?** a necessidade de referenciar a ligação de **Inspiração** da autora com a obra de Mondrian Ex: “A autora inspirou-se no quadro.” IND 10 (Masculino), que se desenvolve na observação da obra “**Casa com pátio**” através da observação do padrão observado no tecido utilizado para arquitectar a *casa/cama* e a própria *diferenciação sequencial de espaços* Ex: “Eu acho que é como no português, quando nós escrevemos “encontram-se”, quando nós escrevemos “encontram” e não temos mais espaço para escrever o “se”, fazemos um traço e depois outro traço em baixo e escrevemos o “se”. Se calhar aqui também está quer dizer isso: depois da casa, à frente, está o jardim, como quando chegamos a casa, temos primeiro o jardim e depois a casa.” IND 1 (Masculino), que por sua vez servem diferentes funções Ex: “Eu acho que a casa pode estar a ser representada porque é o lugar de repouso, porque quando se pensa numa casa pensasse sempre numa cama. E o pátio é um lugar livre, ao ar livre. Mas não sei qual é a conexão entre os dois.” IND 6 (Masculino), porém, conforme acentuou CONV1 “O IND 8 quando chegou aqui e achou que faltavam aqui algumas estruturas.”, ou seja, a observação da obra e da sua relação com o já referido conceito de *obra inacabada*. A obra “**Nova Iorque, III**” foi especulada como referência directa à obra em presença, porém, com uma entoação construída num real hipotético, enquanto sugestão de ideia Ex: “Se calhar esta coisa aqui a amarelo neste quadro pode ser uma casa, e o resto, isto pode ser uma rua que passa ao lado da casa, isto pode ser um bocado de jardim, isto pode ser um muro, e é outra rua e outra rua que vem a seguir. Não sei se em Nova Iorque há casas assim, mas pronto!” IND 1 (Masculino), e ainda, Ex: “Porque Nova Iorque tem uma série de jardins e de pátios interiores entre as casas de Nova Iorque” IND 6 (Masculino).

A obra entendida como representação de um **Conceito de casa** fortemente estabelecido por duas das suas características principais: a sua estrutura que cumpre por analogia uma qualidade própria de um **Padrão/Puzzle** Ex: “Eu acho que aquilo ali, eu estive a ver a estrutura ali debaixo e é sempre uma estrutura plana. Neste aqui tem umas partes assim para continuar. Eu acho que é como se fosse uma espécie de puzzle e as outras partes da casa se encaixassem, por isso,

é que isto aqui é só a cama que é como se representasse só o quarto. E acho que, supostamente, depois deveria haver outros bocados que se encaixavam e formariam uma casa inteira, e só daquele lado, supostamente, é como se fosse uma parede, e se calhar há mais para ali, mais por ali e mais para aqui. Por isso é que não mais paredes.” IND 8 (Masculino), e que por sua vez, dá forma ao conceito de *obra inacabada* pelo facto de se assumir como **Inacabada** na sua forma finalizada Ex: “Eu acho que se for inacabado, é um inacabado mas para dar uma sugestão.” IND 8 (Masculino). Posteriormente, na fase final da **Discussão**, observa-se um retorno às questões associadas ao *conceito do inacabado* pelas crianças-participantes o IND 6 e o IND 8 porém, com um carácter ideológico fortemente estruturado. É de referir que neste Grupo A as crianças-participantes IND 6 e IND 8 foram os que mais depressa assimilou o movimento de aproximação à obra como modo de auto-instigar uma melhor assimilação do reconhecimento da obra que posteriormente lhes concederia uma outra capacidade de interpretação e de construções narrativas com que sustentaram as suas argumentações.

No que diz respeito a possíveis intersecções (Figura 13) verificam-se registos de ligações externas à questão **3. Como se lê a Obra?** com uma ocorrência visível associada à subcategoria **Macro (ampliar espaço)**.

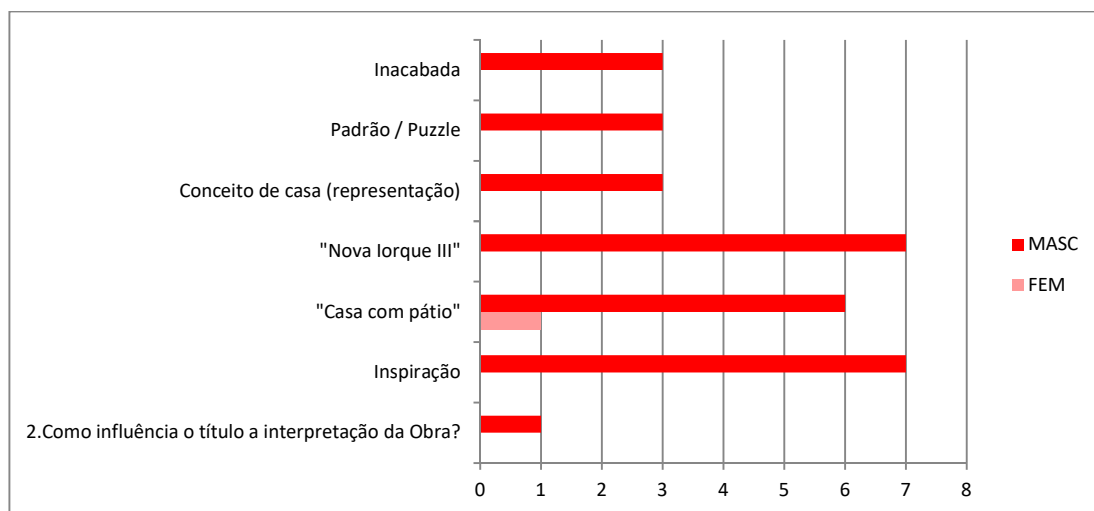


Tabela 9 – 2. Como influência o título a interpretação da Obra?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **2. 2. Como influência o título a interpretação da Obra?** (Tabela 9) apresenta, na sua generalidade, uma forte intensidade de relevância discursiva para género masculino e diminuta para o género feminino.

Assim, a questão **2. Que relação se estabelece entre a Obra e o seu título?** apresenta uma relevância diminuta e apenas para o género masculino, estendendo-se ainda às subcategorias:

- **Inspiração** que apresenta um grau de relevância elevado e apenas para o gênero masculino que se estende às subcategorias:

- **“Casa com pátio”** com um grau de relevância diminuto elevado para o gênero masculino e diminuto para o gênero feminino;

- **“Nova Iorque, III”** com um grau de relevância elevado apenas para o gênero masculino;

- **Conceito de casa** que apresenta um grau de relevância médio apenas para o gênero masculino e que se estende às subcategorias:

- **Padrão/Puzzle** com um grau de relevância médio apenas para o gênero masculino;

- **Inacabada** com um grau de relevância médio apenas para o gênero masculino.

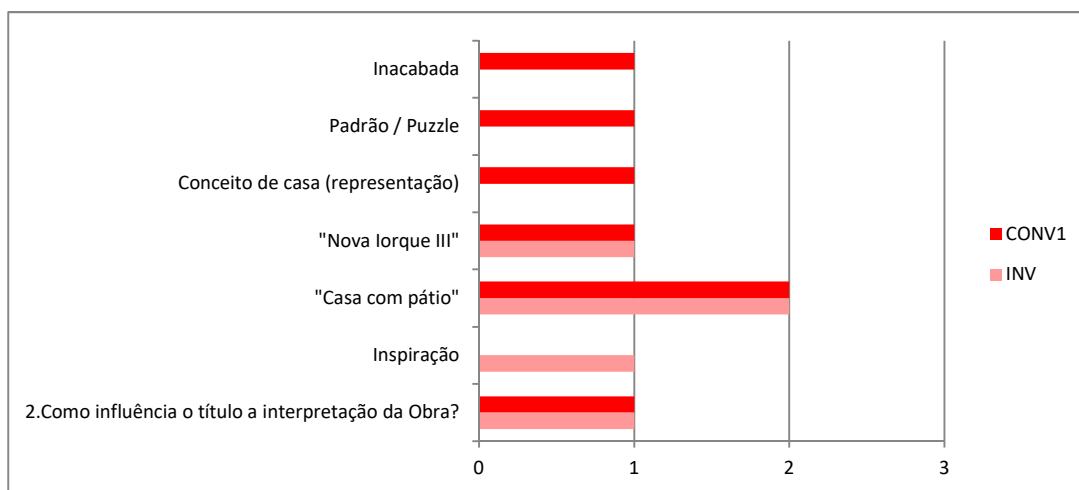


Tabela 10 – 2. Como influência o título a interpretação da Obra?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (adultos) da questão **2. Como influência o título a interpretação da Obra?** (Tabela 10) apresenta uma intervenção reduzida para a INV e constantes para nas intervenções do CONV1. Assim, as intervenções da INV apoiaram a uma melhor contextualização dos conteúdos em **Discussão** Ex: “Quero realçar duas intervenções: uma é do IND8, é o facto de esta casa estar provavelmente inacabada, e a outra é do IND1 em que estas linhas que estão marcadas nesta almofada grande se estivessem em 3D poderiam desenhar o resto das divisões da casa. Há uma coincidência ou não, no padrão deste tecido com aquela pintura? Então, vocês acham que isto está inacabado?”, enquanto que as intervenções do CONV1 acompanharam o percurso conceptual revelado pelos interesses das argumentações apresentadas pelas crianças-participantes Ex: “Por que é que vocês nas vossas perguntas abordaram sempre isto como cama e agora desde que viram aquela peça já se passaram a chamar a isto casa? Volto à questão do IND 6, isto é uma cama ou não?” ou, ainda, Ex: “E o que me têm a dizer sobre o facto de este padrão de riscas do tecido da cama ser tirado de um quadro de Mondrian que faz alusão a Nova Iorque?”

3. Como se lê a Obra?

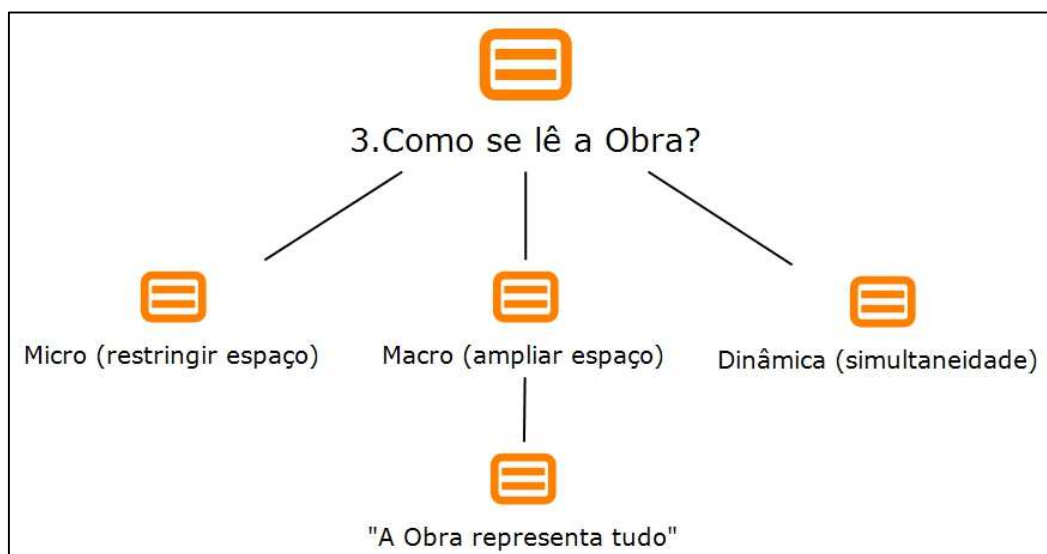


Figura 14 – 3. Como se lê a Obra?
(Diagrama)

A questão **3. Como se lê a Obra?** (Figura 14) apresenta uma estrutura entroncada e pouco expandida. Como já havia sido mencionado anteriormente, a 3ª Questão faz referência à intervenção do CONV1 que introduziu, por conveniência da natureza delineada pela própria **Discussão**, a necessidade de observar o modo como evoluíram os conteúdos revelados por esta “(...) Vocês já discutiram esta peça a partir da noção de cama, foi a primeira que vos chamou à atenção, de cama passámos a casa e de casa a cidade. Aquele outro lado da peça, vocês começaram a discutir como relva, cogumelos, segundo alguém para dar um ar mais natural, mais selvagem, e depois pátio. Portanto, para os dois lugares desta peça vocês encontraram três dimensões diferentes: a mais restrita de todas, cama deste lado pátio daquele; a intermédia, casa deste lado e relva ali; e depois, finalmente, cidade para este lado e campo (cogumelos) para o outro, uma coisa mais natural, mais selvagem. O que vocês acham de tudo isto? Foram vocês que convocaram estas 3 instâncias para cada lugar da peça. O que pode estar aqui em causa? Foi um mero acaso? O que é que se passa?”.

Assim, em resposta à solicitação proferida surgem três possíveis observações do fenómeno instituído e construído pelas próprias crianças-participantes:

- **Micro (restringir o espaço)** advém da posição tomada pelo IND 10 que sugere que a construção dos conceitos observação obedece à seguinte regra: “ (...) do maior para o mais pequeno... se for do mais pequeno para o maior, acho que fica diferente. Se for pátio, relva e campo, acho que é se formos fazendo um *zoom*.”, para a qual o CONV1 cedeu o seu apoio para um melhor entendimento da construção da referida dimensão “... funciona melhor, como se fosses restringindo no espaço.”;

- **Macro (ampliar o espaço)** constitui-se na proposta mais visada entre as crianças-participantes em que a reflexão sobre a importância do título retoma um lugar de destaque nas argumentações observadas Ex: “Não, na nossa **Discussão** foi o mais pequeno, o intermédio e o maior, mas fazia mais sentido se as pessoas à primeira tivessem lido logo o título.” IND 5 (Masculino) e, ainda, Ex: “(...)se nós não olhamos para o título a primeira coisa que se pensa quando se olha para aqui é: isto é uma cama! E foi o que toda a gente fez, ninguém aqui olhou para aqui e pensou que isto é uma cidade, chegámos todos, olhámos para aqui e dissemos que isto é uma cama. Isto aqui também se olha e pensamos: isto é um quintal pequenino, uma relva pequenina. Pois, um jardinzinho, não é uma extensão de terra grande, um campo”. Porém, a mesma proposta apresentada pelo IND 8 expande-se a um conteúdo que se projecta para uma reflexão de valorização estética, isto é, ao potencializar a reflexão sobre a evolução dos discursos, a descrição do fenómeno e a evolução do mesmo estendeu-se por semelhança à valorização metafórica do sentido da Obra na medida em que esta potencializa em si a representação de todos os possíveis sentidos que qualquer fruidor pode constituir, ou seja, “**A Obra representa tudo**” Ex: “(...) Este lado pode representar a cama e aquele pode representar o pátio, são ambos as mesmas coisas, porque depois vai aumentando. Eu acho que é porque isto pode demonstrar como uma peça pode representar tudo: este aqui pode representar uma coisa pequena como uma cama a uma coisa gigante como uma cidade, aquele pode representar desde um pátio pequeno até um campo gigante cheio de relva. Acho que quer demonstrar como as peças podem conter tudo lá dentro.”;

- **Dinâmica (simultaneidade)**, após a proposta anterior, o IND 8 muda a percepção do que lê na obra ao apresentar duas argumentações estruturalmente diferentes: se numa primeira instância defende a perspectiva *macro*; num segundo momento, apresenta o reconhecimento de uma dinâmica intrínseca à leitura da obra, isto é, a possibilidade de interpretações que coabitam por simultaneidade, ou seja, a possibilidade de ao mesmo elemento constituinte da obra lhe caberem várias nomeações e diferentes funções, servindo estas, em simultâneo, o sentido da obra Ex: “Eu acho que é dos dois ao mesmo tempo. Porque este aqui representa uma cama mas ao mesmo tempo, como eles disseram uma cidade e que aquilo eram as ruas e as ruas já estão lá marcadas mas estão no formato de uma cama, por isso, é como se fossem os dois ao mesmo tempo. E ali, está a relva como pode ser feito como um pátio ou feito como uma coisa grande. Porque só a relva assim num estado pequeno faz parecer um pequeno quintal, um pátio. Se vires com os cogumelos, aquilo também está um bocado húmido a relva, com um bocado de água, já parece ser um campo grande.”

Para a questão **3. Como se lê a Obra?** (Figura 14) não se verificam quaisquer intersecções internas ou externas.

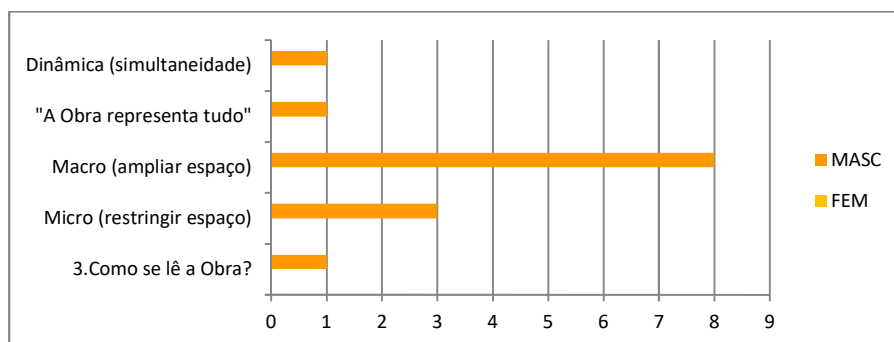


Tabela 11 – 3. Como se lê a Obra?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** (Tabela 11) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma relevância muito baixa e apenas para o género masculino.

A questão gera-se numa fase da **Discussão** em que a intervenção individual de argumentações bem estruturadas que já se constituem em fortes interpretações do fenómeno proposto, assemelha-se, em muito, às já observadas fases finais das discussões. No contexto em que ocorreu esta problemática verifica-se que a mesma obedece a conteúdos delimitados e, por isso, muito focados. Assim, se a própria questão **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** deriva de várias intervenções focalizadas do CONV1, a mesma não ofereceu grande necessidade de intervenção por parte das crianças-participantes pelo que o seu grau de relevância diminuiu.

Nesta análise destaca-se por relevância apenas a subcategoria **Macro (ampliar o espaço)**, uma vez, que tal como já havia sido referido, constitui-se na proposta mais visada entre as crianças-participantes.

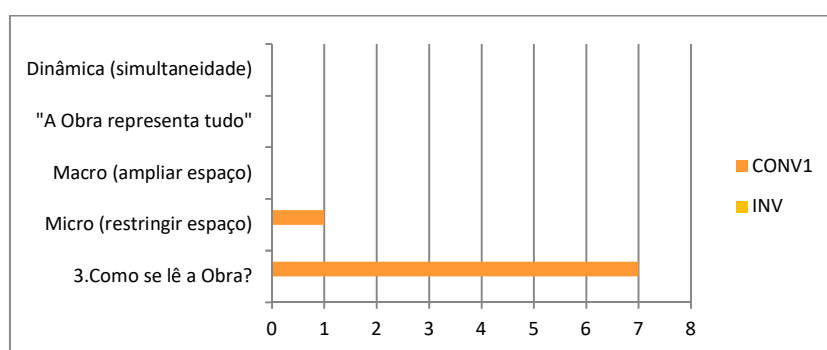


Tabela 12 – 3. Como se lê a Obra?
(ARDG - Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **3. Que relação se estabelece entre as figuras?** (Tabela 12) apresenta uma intensidade algo acentuada apenas para as intervenções do CONV1 para a constituição da própria questão. De facto, o fenómeno observado revela a parca necessidade de moderação para a organização e formação dos conceitos definidos que se estruturaram por associação directa ao fenómeno de se constituiu na própria **Discussão** e na evolução dos conceitos abordados e do seu sentido progressivo.

4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?

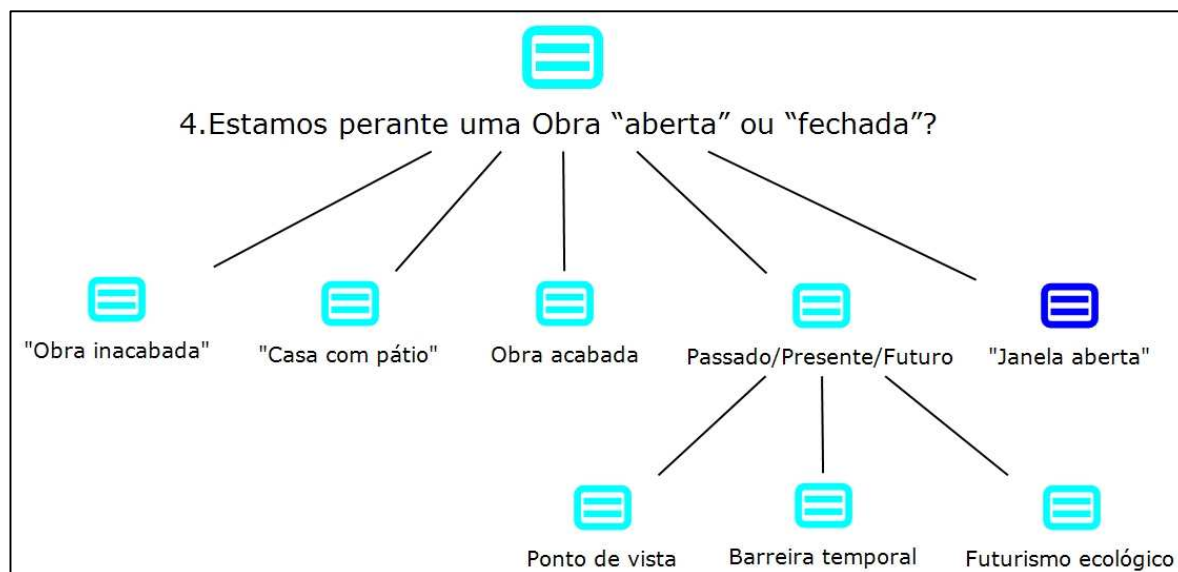


Figura 15 – 4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?
(Diagrama)

A questão **4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?** (Figura 15) apresenta uma estrutura linear alargada e relativamente entroncada e, tal como havia sido referido anteriormente, constitui-se a partir da intervenção do CONV1 “Nesta transição de escala do maior para uma mais pequena, como é que vocês lêem a estrutura que suporta estas duas dimensões, esta coisa de uns lados, inacabada? Como é que vocês ligam isto com estas dimensões de que estamos a falar? Há alguma ligação? Há alguma razão de ser? A obra está acabada ou inacabada? É uma obra aberta ou fechada?” que abre a **Discussão** para a sua fase final com as crianças-participantes a constituírem as suas argumentações interpretativas da obra isoladas ou em conjunto.

Assim, a subcategoria **“Obra inacabada”** surge associada e, de certo modo, justificada pela ideia anteriormente abordada de *padrão/puzzle* Ex: “Eu acho que é, também tive aquela ideia de que acho que é um puzzle, mas como isto também é imitar a obra que está inacabada, eu acho que eles só puseram um bocado para ficar inacabada tal como a outra obra, e não-de aparecer como se possa estender, ser pequeno ou grande.” IND 8 (Masculino), porém, o mesmo conceito de obra inacabada abre-se para uma visão mais interiorizada dos processos de comportamento que gerem a relação/interpretação que pretende conceber ou *imaginar* os possíveis os sentidos da obra Ex: “Eu acho que a peça em que isto é inspirado é inacabada e por isso, as paredes que estão à volta estão inacabadas. É uma coisa inacabada, temos de pensar muito bem, imaginar.” IND 6 (Masculino), ou seja, é necessário ao fruidor predispor-se à relação de diálogo com a obra. A subcategoria **“Casa com pátio”** observa e assume, como definitivas, elações interpretativas anteriores de modo tranquilo e seguro Ex: “Eu acho que contínuo com a mesma ideia, mas para isto ser uma casa e para aquilo ser um jardim ou algo assim, aquilo também pode ser uma casa. Nas

nossas casas nós guardamos comida e temos um sítio para repousar, para os animais a relva é exactamente o mesmo. Os cogumelos são a comida e a relva é onde eles repousam.” IND 7 (Feminino). A subcategoria **Obra acabada** surge apenas na defesa argumentativa do IND 2 que, para além de se circunscrever em a conceitos simples e anunciados da **Agenda da discussão**, carecem de uma projecção que vá para lá do imediatamente entendível Ex: “Eu acho que isto é uma cama e que está acabado, porque, aquela parte ali e aquele suporte pode ser para suportar os livros, pode ser para suportar as coisas, como há muitas camas que têm, os suportes em cima.” IND 2 (Masculino).

Por sua vez, a subcategoria **Passado/Presente/Futuro** surge como uma extensão posterior da concepção da ideia de “**Casa com pátio**”, ou seja, partindo dos mesmos pressupostos, a mesma adopta, agora, extensões interpretativas que se destacam do imediatamente reconhecido ou referenciado, isto é, a significação construída ganha uma estrutura temporal em que se procura para um futuro hipotético o melhor do passado Ex: “Aqui é o futuro e o passado, como o IND 8 disse, e aqui é o presente, é o que nós estivemos a falar até agora, aqui é uma nova dimensão! Aqui é a dimensão do futuro, é isto aqui no futuro que tem uma representação, aquilo ali é o passado e tem outra representação, mas no presente cada um deles tem uma representação que é o ponto de vista do CONV1 e da INV que é: a cama e pátio, casa e relva, a cidade e o campo, isto existe no presente, no futuro pode-se encontrar uma nova representação para isto, tal como no passado se encontraria uma nova representação para isto.” IND 6 (Masculino), de facto, esta observação temporal depende da estruturação de um determinado **Ponto de vista** Ex: “Eu acho que é o ponto de vista. Há pessoas que acham que não dá para andar para trás ou ir para a frente, mas há outras que acham. Por isso, se vieses por este lado, isso já pode acontecer.” IND 8 (Masculino); assim, estabeleceu-se, na obra, uma determinada **Barreira temporal** Ex: “Isto aqui também tem de ter uma divisão porque se aqui é o futuro ali é o passado e isto aqui está fechado para o futuro mas tem uma passagem para o passado.” IND 6 (Masculino) que se gere segundo a construção de um conceito de **Futurismo ecológico**, ou seja, uma filosofia claramente futurista de preocupação ecológica Ex: “Se calhar são pessoas que acreditam de uma maneira muito futurista de que podemos vir a ter uma Terra como dantes.” IND 7 (Feminino).

A subcategoria “**Janela aberta**”, como já havia sido referido (pág. 19), observa a vontade latente de um discurso que não poderá ser determinado e que obriga a um quer dizer contínuo, aberto a várias possibilidades, em interacção com o meio e dirigido a um outro ausente como uma *janela que se quer aberta* apenas “CONV1 este e a janela são do mesmo autor? Porque poderia, o autor querer dizer que a vida é como uma janela aberta. Temos de discutir as cores de cada linha!” IND 4 (Masculino).

No que diz respeito a possíveis intersecções, verificam-se registos de ligações internas (Figura 15).

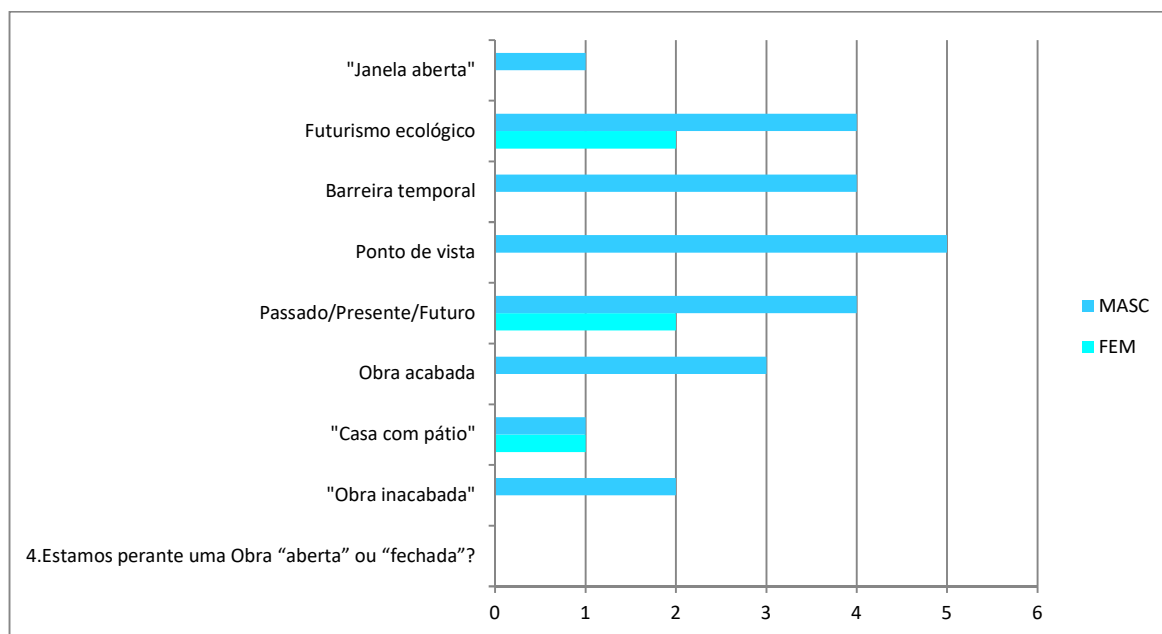


Tabela 13 – 4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?
(ARDG - Crianças-participantes)

A ARDG (Crianças-participantes) da questão **4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?** (Tabela 13) apresenta, para a generalidade do fenómeno em análise, uma forte relevância para o género masculino e diminuta para o género feminino.

Assim, a questão **4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?** estende-se ainda às subcategorias:

- **“Obra inacabada”** apresenta um grau de relevância médio apenas para o género masculino;
- **“Casa com pátio”** apresenta um grau de relevância baixo para ambos os géneros;
- **Obra acabada** apresenta um grau de relevância médio apenas para o género masculino;
- **Passado/Presente/Futuro** apresenta um grau de relevância alto apenas para o para o género masculino e que por sua vez compreende ainda as seguintes subcategorias:
 - **Ponto de vista** com um grau de relevância elevado e apenas para o género masculino;
 - **Barreira temporal** com um grau de relevância alto apenas para o género masculino;
 - **Futurismo ecológico** com um grau de relevância alto para o género masculino e médio para o género feminino;
- **“Janela aberta”** apresenta um grau de relevância diminuto e apenas para o género masculino.

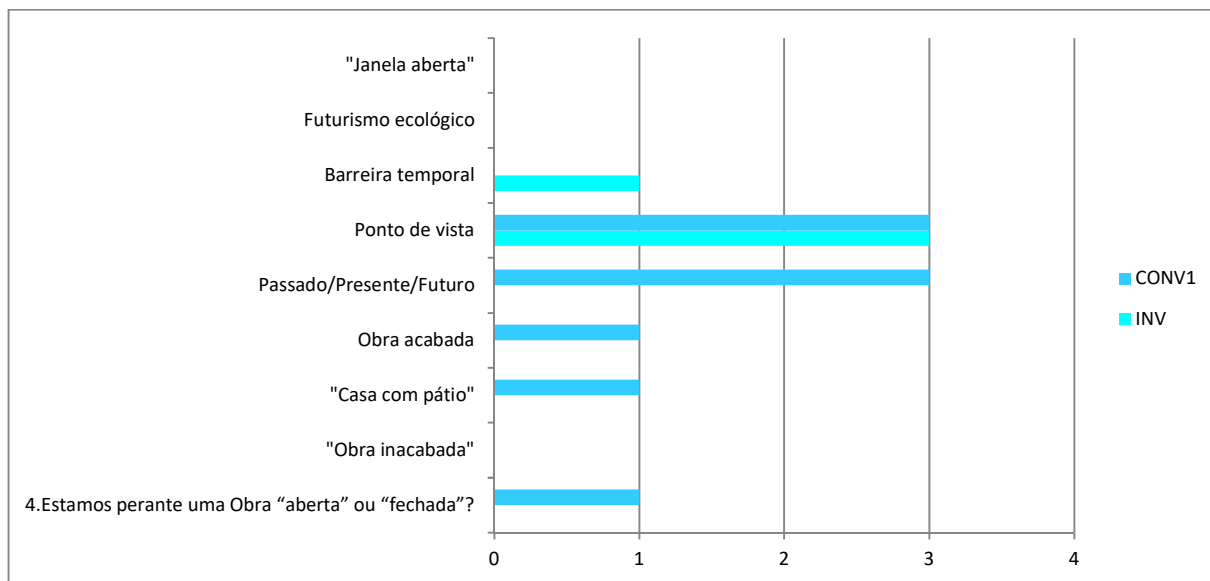


Tabela 14 – 4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?
(ARDG – Adultos)

A ARDG (Adultos) da questão **4. Estamos perante uma Obra “aberta” ou “fechada”?** (Tabela 14) apresenta uma intensidade algo acentuada apenas para as intervenções do CONV1 e para a constituição da própria questão. O fenómeno observado revela uma maior intensidade de participação na construção dos conceitos associados à subcategoria **Passado/Presente/Futuro** bem como uma maior relevância para uma moderação conjunta. Pode-se verificar que se manteve a parca necessidade de moderação para a organização e formação dos conceitos que se estruturaram nesta fase da **Discussão**. É ainda de referir que não houve qualquer registo de intervenção por parte dos facilitadores para a subcategoria **“Janela aberta”** que encerra a **Discussão** uma vez que foi respeitada a natureza intrínseca à tipologia de discussão gerada, ou seja, a questão manteve-se em aberto.

ANÁLISE ETNOGRAFICA DO REGISTO DE VIDEO

Para AERV desta Sessão adaptou-se por uma abordagem dedutiva, na medida em que foi observado um evento específico e fortemente conduzido pela questão desta investigação, e que foi anteriormente objectivado e delineado no R1A.

Esta análise mantém o protocolo assumido e teve em conta: a relação dos comportamentos físicos com o espaço físico envolvente; desses comportamentos físicos com as obras previamente seleccionadas; e ainda, a associação dos comportamentos físicos aos momentos e à qualidade dos discursos dos intervenientes.

Assim, a AERV mantém-se organizada de acordo com dois momentos específicos: 1º Momento refere-se aos comportamentos referentes ao momento em que as crianças-participantes entraram em contacto com o espaço onde as obras estavam expostas e a observação directa das mesmas; o 2º Momento refere-se aos registos comportamentais durante o decorrer da própria Sessão.

Nesta R13A é de referir a dificuldade em gerir a qualidade do som pelo excesso de ruído captado, tanto no registo áudio como no registo de vídeo, porém, fez-se o cruzamento de ambos para garantir uma melhor análise dos mesmos.

Análise etnográfica do registo de vídeo

Tempo	Categoria	Ação	Contextualização	Observação
1º Momento		Entrada no espaço onde as obras estão localizadas	Posicionamento da câmara e das crianças-participantes em posição de meia-lua em redor da obra seleccionada CONV1 deixa discretamente junto das crianças-participantes folha com imagem da obra de Piet Mondrian e registo do título de ambas as obras.	Apropriação do espaço Dinâmica comportamental: Olhares atentos e respeitadores Comportamentos atentos (aguardam organização de equipamentos)
			(conversas cruzadas)	
00:50	Leitura da obra	Leitura da obra Preparação de registo da sessão	IND5 inscreve-se (dedo no ar) IND 8 observa folha que está colocada junto de si IND 6 questiona se não pode discutir a peça toda CONV1 confirma que a peça é inteira que é para ser toda discutida INV verifica sistema MP4 e confirma se este está a gravar CONV1	Dinâmica comportamental: Comportamentos atentos Toca de opiniões ou ideias em surdina
01:44	Agenda da Discussão	Início da R13A Registo de questões e leitura das mesmas	INV entrega MP4 a IND5 CONV1 dá início à Agenda da Discussão e prepara registo de questões numa folha de papel IND 5 intervém bem como IND9, IND6 e IND8 inscrevem-se na Discussão (dedo no ar)	Dinâmica comportamental: Comportamentos agitados e conversas paralelas CONV1 chama a atenção para atitude em Discussão
04:365			CONV1 lê questões que formam a Agenda da Discussão	
3º Momento	DISCUSSÃO	DISCUSSÃO	IND5 inicia explanação IND6 e IND7 inscrevem-se na Discussão IND 7 intervém para responder à intervenção do IND5	Dinâmica comportamental: Comportamentos agitados em grupos distintos: IND 9 com IND6, e IND1, IND5 com IND8
05:02	Lugares de repouso	Percepção teorizada e organização do que são os limites da peça a discutir. Reflexão sobre a informação introduzida através da folha com imagem e títulos	IND 6 intervém. Pede a IND8 que leia informações referenciadas na folha informativa	Relação imediata com informação disponibilizada mas não aliciada Comportamentos atentos e concentrados na informação revelada
06:15				
06:30			Conversas cruzadas	

07:20	Título Vs Obra Lugares de repouso	Associação da informação das obras ao reconhecimento da Obra referenciada	IND6 intervém e associa obras referenciadas CONV1 esclarece e rectifica âmbito de cada uma das obras referenciadas Reflexão conjunta sobre informação facultada leva IND 5 a assumir mudança de interpretação da obra. IND6 refere de novo relação da percepção da obra com a informação facultada CONV1 retoma discussão quando devolve questão inicial à Discussão	Dinâmica comportamental: CONV1 esclarece questões relacionadas com a informação revelada Retorno a temática anterior e devolução à Discussão
			Conversas cruzadas	
08:10	Lugares de repouso		CONV1 adverte para comportamentos desadequados IND1 inscreve-se na Discussão e intervém CONV1 devolve questão IND 5 e IND inscrevem-se na Discussão IND 5 intervém IND8 intervém INV devolve questão a IND8 IND 9 intervém INV instiga por argumentação mais crítica IND 8 retoma a sua intervenção de um modo mais conciso (aponta para elementos da obra a que se está a referir)	Dinâmica comportamental: Comportamentos agitados CONV1 é obrigado a advertir com veemência Comportamentos calmos e atentos Respeito pela ordem de inscrições sem necessidade de acção dos facilitadores
11:33		Referência direccionada na obra		
12:03	Título Vs Obra		CONV1 questiona e retoma questão anterior IND 5 intervém CONV1 devolve intervenção ao grupo de Discussão IND 6, IND1 inscrevem-se na Discussão IND 1 intervém IND 6 intervém	Dinâmica comportamental: Comportamentos atentos e ligados à dinâmica da Discussão
14:31			INV realça temáticas abordadas e devolve as mesmas ao grupo de Discussão	Momento de silêncio. Perplexidade
			Conversas cruzadas	
15:38	Título Vs Obra		IND 5 intervém IND10 acompanha intervenção de IND5	
			Conversas cruzadas	

16:00	Título Vs Obra Lugares de repouso	1# Aproximação à obra	IND5 e IND6 aproximam-se da obra IND1 intervém INV instiga CONV1 acompanha INV na explicação de argumentação de IND8	Dinâmica comportamental: Registo de silêncio/introspecção
17:32		2# Aproximação à obra	IND8 e IND7 aproximam-se da obra IND 6 intervém CONV1 retoma questão	
			Conversas cruzadas	
18:29	Título Vs Obra Lugares de repouso	Aproximação à obra sustenta argumentação	IND8 intervém com argumentação sustentada na observação da obra	Dinâmica de comportamental Comportamentos agitados mas atentos
18:33		3# Aproximação à obra	IND O [B] e IND 10 aproxima-se da obra IND6 intervém e acompanha explanação do IND8 CONV1 intervém e explica significado de <i>pátio</i> IND10 regressa ao seu lugar	
19:11	Título Vs Obra		IND 6 inscreve-se e intervém IND5 intervém IND7 regressa ao seu lugar CONV1 questiona possível associação de obras IND6 responde CONV1 questiona aludindo directamente à relação de elementos entre as obras IND5, IND6 e IND8 constroem um entendimento em parceria respondendo a questão colocada pelo CONV1	
21:14			INV esclarece dados biográficos das obras	Dinâmica de comportamental Comportamentos algo agitados
21:51			IND1 intervém e apresenta o seu entendimento do assunto em questão	Alguns comentários paralelos
22:43			IND6 apresenta argumentação de estrutura narrativa hipotético-metafórica	
23:33	Leitura da Obra		CONV1 apresenta estrutura dinâmica da Discussão até ao momento e questiona possíveis entendimentos sobre o mesmo	Dinâmica de comportamental Comportamentos atentos
25:21	Título Vs Obra		IND8 intervém com argumentação estruturada em teoria de cariz abstracto IND4 intervém IND5 intervém CONV1 instiga	
			Conversas cruzadas	

27:45	Título Vs Obra Leitura da Obra		IND5 retoma Discussão e apresenta interpretação hipotético-metafórica IND 1 inscreve-se na Discussão IND10 intervém CONV1 intervém e reforça questão colocada anteriormente IND4 intervém	
			Conversas cruzadas	
29:07 30:36 31:41 32:38	Leitura da Obra Título Vs Obra Lugares de repouso Título Vs Obra		CONV1 reforça a temática devolvendo a questão ao grupo IND 5 intervém IND10 intervém por solicitação do CONV1 IND8 inscreve-se na Discussão e apresenta argumentação que lhe permite posicionar teoricamente a sua interpretação IND6 apresenta a sua interpretação no seguimento da linha apresentada pelo IND8, porém, com uma estrutura narrativa muito própria e abstracta IND2 intervém CONV1 retoma questão da Agenda da Discussão e desenvolve-a ao IND6 esclarece	Dinâmica de comportamental Comportamentos físicos algo agitados porém, tons de vozes moderados
33:58 34:55 35:26	Obra aberta ou fechada?	4# Aproximação à obra	CONV1 questiona e abra nova temática a observar em Discussão IND8 inscreve-se e intervém, argumentação bem estruturada IND7 intervém, argumentação que retoma ideologia já defendida pela mesma IND10 aproxima-se da obra	Dinâmica de comportamental Comportamentos atentos Silêncio constrangedor
			Conversas cruzadas	Comentários em surdina
36:14 37:36	Lugares de repouso Obra aberta ou fechada?		IND6 intervém, argumentação que alarga conceito abordado na sua posição anterior IND 2 intervém com alguma fragilidade argumentativa e é apoiado pelo CONV1 IND4 intervém e apresenta estrutura interpretativa IND8 intervém por solicitação do CONV1 CONV1 pede esclarecimento IND8 intervém	Dinâmica de comportamental Comportamentos atentos Comentários aprovadores

39:19	Obra aberta ou fechada?		IND O [B] é convidado a participar pelo CONV1 CONV1 retoma ideologias apresentadas	Dinâmica comportamental: Comportamentos algo alheados e agitados
40:12			IND6 intervém e apresenta justificações INV observa referências apresentadas e devolve à Discussão	
			Conversas cruzadas	
40:49	Obra aberta ou fechada?	5# Aproximação à obra	IND8 inscreve-se na Discussão IND 1 intervém IND8 aprofunda a sua argumentação e levanta-se para apresentar próximo da obra a sua argumentação INV pede para que IND 8 repetia o que afirmou IND8 esclarece de novo	Dinâmica comportamental: Comportamentos algo agitados mas atentos às diversas intervenções
41:43		Abordagem à obra segundo uma leitura que respeita o espaço em que está inserida	IND6 intervém e apresenta narrativa bem estruturada IND8 acompanha-o com argumentação crítica e bem estruturada IND1 intervém com contexto argumentativo referendo em sessão anterior	
43:40			IND7 inscreve-se na Discussão e intervém e reforça a sua argumentação anterior, CONV1 devolve-lhe e em parceria estruturam mais profundamente a sua argumentação	
44:25			INV intervém e devolve posições anteriores à Discussão	
45:00		6# Aproximação à obra	IND8 responde e constrói esclarecimentos em parceria com INV1 Aproxima-se à obra para indicar o que está a referir	
47:01	“Janela aberta”		IND4 inscreve-se na Discussão intervém e questiona a possibilidade de incluir na discussão da obra outra obra presente na sala oferecendo à partida uma razão justificativa para o fazer. Termina com a sugestão de conceitos ainda por abordar acerca da obra em referência	
48:00			Finalização de registos da sessão	Convívio generalizado e animado
<p>Obs.:</p> <p>- Observa-se a presença de uma moderação algo direcionada pelo CONV1 e que foi anteriormente enquadrada.</p> <p>- No final da Discussão surgem três posições argumentativas de relevo: “Obra inacabada” IND 8 e, enquanto construção conjunta, “Casa com pátio” IND 7 e IND 8 “Passado/Presente/Futuro IND 6 e IND 8. Estas foram as principais argumentações cujas narrativas se desenvolveram de modo coerente, agregador dos sentidos que foram sendo desenvolvidos o confronto com a obra e com o seu título e que se revelaram mais próximas de uma estrutura hipotético de cariz abstracta.</p>				

Quadro 1 - Análise etnográfica do registo de vídeo
(Descrição)

RETRATOS E ANÁLISE DE PARTICIPAÇÃO POR INDIVÍDUO (Crianças-participantes e Adultos)

A RAPI (Crianças-participantes e Adultos), tal como foi referenciado no R1A, apoia a necessidade de definir, não só o modelo de participação por indivíduo em relação às categorias balizadas pela ARTD, mas também a sinalização da tipologia do carácter argumentativo de cada uma das crianças-participantes.

Visualizar o mapeamento categorial da participação de cada indivíduo (do Gráfico 1 ao Gráfico 13) e a descrição da respectiva participação na dinâmica do grupo, permitiu aceder a uma maior sensibilização das possíveis relações comportamentais e permitirá avaliar a evolução das suas participações. De igual modo foi integrado o retrato de participação dos facilitadores de modo a compreender a necessidade ou dispensabilidade das suas intervenções, o carácter e tipologia das mesmas.

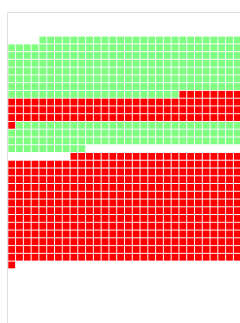


Gráfico 1 – IND 1 (Masculino)

O IND 1 não participou na formulação da **Agenda da Discussão**. No que diz respeito à sua prestação para a **Discussão** participou interesse e entusiasmo em algumas questões anunciadas nesta **Discussão**, focando-se principalmente nas que se referem às subcategorias **Lugares de repouso** e **Título Vs Obra**.

As suas intervenções mantêm um perfil de natureza intuitiva fortemente enraizadas em narrativas hipotéticas que criam pressupostos ou analogias que transfere para a sua interpretação da obra. A participação do IND 1 é atenta, o seu tom de voz é cordial e entusiasta com registos prestativos e empáticos, sendo que, nesta sessão registaram-se ainda alguns episódios de comportamentos agitados.

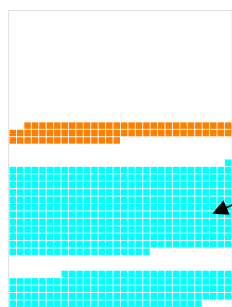


Gráfico 2 – IND 2 (Masculino)

O IND 2 não participou na formulação da **Agenda da Discussão**, porém, próximo do final da **Discussão** alterou o seu registo comportamental e intervém para apresentar uma concepção que pretende responder ou participar na constituição da subcategoria **Obra aberta ou fechada?** É de referir que esta intervenção foi fortemente acompanhada pelo CONV1 uma vez que, a estrutura da sua intervenção apresenta uma visível carência de projecção para do imediatamente entendível, ou seja, mantêm os mesmos registos recolhidos na fase inicial da **Discussão**. O registo inicial do IND 2 de comportamento pacato e por vezes alheado, apresenta-se aquando deste episódio extrovertido e atento aos pedidos de contextualização do CONV1.

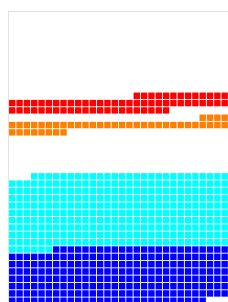


Gráfico 3 – IND 4 (Masculino)

O IND 4 não participou na formulação da **Agenda da Discussão**. No que diz respeito à sua prestação para a **Discussão** participou com interesse e relevância na última da subcategoria **Obra aberta ou fechada?**, tendo mesmo sido responsável pelo curioso epílogo registado na subcategoria “**Janela aberta**”.

Esta última intervenção regista comportamentos adquiridos nas sessões anteriores, não só pela natureza das obras seleccionadas, como pela permeabilidade discursiva apoiada na tipologia de moderação adoptada (intuitivo-analítico).

O comportamento do IND4 revelou-se por vezes agitado e com algumas participações em conversas com parceiros do lado, pelo que, a sua prestação nesta sessão ficou aquém das possibilidades anteriormente reveladas.



Gráfico 4 – IND 5 (Masculino)

O IND5 participou na formulação da **Agenda da Discussão**. O seu comportamento mantém-se agitado, inquieto e, por vezes, desatento, porém, nesta sessão revelou-se animado e muito participativo. O seu interesse manteve-se na estruturação das questões que se estruturaram através das subcategorias **Lugares de repouso**, **Título Vs Obra** e **Leitura da Obra**.

O IND 5 manteve uma intervenção que procura intervir em sobreposição ao que está a ser discutido, porém, nesta sessão observaram-se intervenções com alguma autenticidade discursiva e que acompanhavam com alguma pertinência os conteúdos em **Discussão**.



Gráfico 5 – IND 6 (Masculino)

O IND6 participou na constituição da **Agenda da Discussão**. O IND6 manteve o seu habitual entusiasmo na participação dos temas visados durante toda a **Discussão**, pelo que registam-se intervenções de relevância para todas as subcategorias anunciadas nesta **Discussão**. É de registar, contudo, que o seu comportamento inicial revelou algumas intervenções jocosas que geravam alguma instabilidade em seu redor, tendo mesmo sido advertido pelo CONV1.

Regista-se que desde o início da **Discussão**, manteve em aberto a correlação entre as subcategorias **Lugares de repouso** e **Título Vs Obra**. Posteriormente, aquando da constituição da subcategoria **Leitura da Obra** manteve uma interpretação que se baseou na leitura factual de que havia sido reconhecido. No final da **Discussão**, a sua participação na constituição da subcategoria **Obra aberta ou fechada?** observa-se essencial com conteúdos que apesar de manter o cariz da sua tipologia argumentativa céptico-analítica, estrutura-se segundo uma narrativa hipotético-metafórica

O comportamento do IND6 revelou-se perturbador para o contexto comportamental que se pretende numa Sessão e crê-se, que de modo geral, o mesmo, prejudicou o seu habitual desempenho.

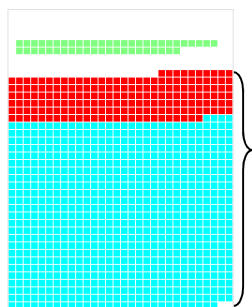


Gráfico 6 – IND 7 (Feminino)

A IND7 não participou na constituição da **Agenda da Discussão** e a sua participação oscilou por contraste, ou seja, a sua participação durante toda a **Discussão** foi apática e alheada, porém, no final, ao reintroduzir conceitos afectos à subcategoria **Título Vs Obra** que associa com notável veemência à subcategoria **Obra aberta ou fechada?**

O seu comportamento revelou-se atento, respeitador das regras da **Discussão**, contudo, pouco entusiástico.

A *narrativa* apresentada pela IND7 nas suas intervenções finais manteve o seu potencial analítico e ainda, nesta sessão, com a visível ausência do fulgor das primeiras sessões.

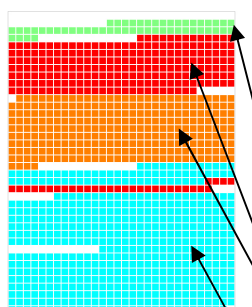


Gráfico 7 – IND 8 (Masculino)

O IND8 participou na constituição da **Agenda da Discussão**. O seu comportamento revelou-se atento, observador e muito activo, o que se evidenciou nas suas várias aproximações à obra e no modo como estas sustentavam as suas várias intervenções.

O IND8 mantém o seu perfil de elemento respeitador das regras da **Discussão**; muito participativo e sensível ao gesto de referência à obra.

A sua presença na **Discussão** foi constante e crucial para a constituição de todas as subcategorias referenciadas: afluente o conceito de **Lugares de repouso**, fundamentou a relação **Título Vs Obra**, abordou o conceito de **Leitura da Obra** com uma narrativa forte e já de cariz abstracto, e por fim, foi o grande entusiasta da **Discussão** das ideias que estruturaram a subcategoria **Obra aberta ou fechada?**

As suas intervenções e a sua visão alargada dos conteúdos foram fortemente apoiados na relação que estabeleceu com a obra, pois, ora apontava para o olhar dos participantes acompanha-se o que referenciava, ora aproximava-se da obra para observar em silêncio e posteriormente, apresentar as conclusões ou elações que construía através desta relação.

A sua *narrativa* mantém-se fortemente coerente e de tipologia analítica.

O IND8 foi o elemento mais participativo desta sessão, pelo que, as suas intervenções mantiveram a cadência de ideias que sustentaram os conteúdos da **Discussão**.

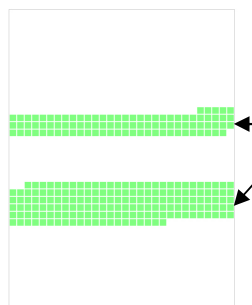


Gráfico 8 – IND 9 (Masculino)

O IND9 participou na constituição da **Agenda da Discussão**. Registou-se algum interesse inicial para a formação da identificação dos elementos que definiram a obra como **Lugares de repouso**.

O IND9 revelou um comportamento permeável às intervenções cruzadas e distrações comportamentais suscitadas pelo IND6.

As suas intervenções foram diminutas e de fraca expressividade.

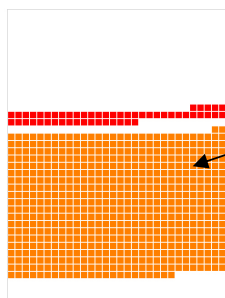


Gráfico 9 – IND 10 (Masculino)

O IND10 não participou na constituição da **Agenda da Discussão**. Nesta Sessão o IND10 revelou-se mais entusiasta na participação e estruturação da subcategoria **Leitura da Obra**.

A sua participação na constituição da subcategoria **Leitura da Obra** foi relevante e acompanhou os interesses da **Discussão**.

Em geral o seu comportamento revelou-se atento e respeitador das regras da **Discussão**.

A tipologia narrativa de argumentação manteve o ser perfil de associativo-analítica.

É de referir que o IND 10 acompanhou os movimentos de retorno à obra, tendo mesmo solicitado, por si mesmo, essa deslocação.

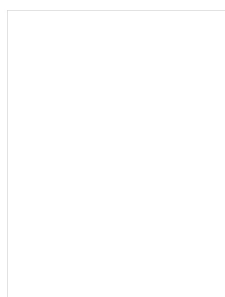


Gráfico 10 – IND 11 (Feminino)

IND 11 não participou na constituição da **Agenda da Discussão**.

O seu comportamento registou-se constrangido e aparentemente alheado não tendo participado na **Discussão**.

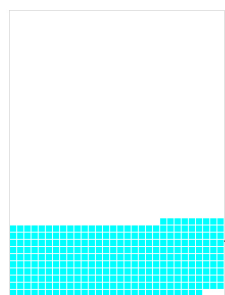


Gráfico 11 – IND O (Masculino)

O IND O não participou na constituição da **Agenda da Discussão**.

A eloquência das suas argumentações nas Sessões do Grupo B inspiraram os orientadores a convidá-lo a assistir/participar numa sessão do Grupo A.

Assim, a sua intervenção surge apenas no final da **Discussão** inserida no contexto da subcategoria **Obra aberta ou fechada?** e revela-se singular, porém, incipiente.

O seu comportamento releva-se atento, porém, estando fisicamente próximo do burburinho frequentemente preconizado pelo grupo que rodeava IND6, pode ter dificultado ou inibido a sua participação. A sua presença foi, contudo, bem acolhida e não se verificaram quaisquer tipos de atitudes desajustadas ao seu bem-estar.

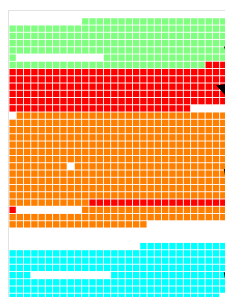


Gráfico 12 – CONV1 (Masculino)

O CONV1 participou numa moderação em conjunto da Sessão com a INV. Nesta Sessão a intervenção do CONV1 iniciou-se com uma intervenção que assegurasse o entendimento do conteúdo significativo dos elementos constituintes da obra, bem como uma atenta moderação dos conteúdos apresentados que devolvia à **Discussão** de modo a que as crianças-participantes observassem por uma maior assertividade. A sua moderação foi mais incisiva para a subcategoria **Leitura da Obra** uma vez que não só introduziu na discussão a questão que inaugura como procurou assegurar a sua

manutenção teórica. A sua intervenção para a subcategoria **Obra aberta ou fechada?** observou-se menos influente à semelhança das suas opções iniciais.

Registaram-se alguns momentos de necessidade de intervenção comportamental que foram assegurados em parceria com a INV.

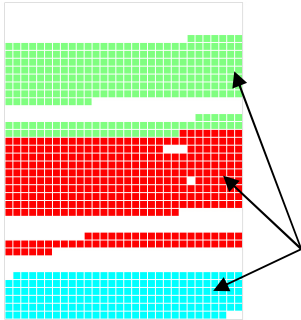


Gráfico 13 – INV (Feminino)

A INV deu início à Sessão relembrando os procedimentos, idênticos aos das sessões anteriores e foi responsável pela recolha de dados de registo de vídeo. Durante a moderação partilhada com o CONV1 a INV desempenhou uma abordagem mais activa no início da **Discussão** e menos activa no final da mesma.

Nesta Sessão a intervenção da INV foi mais incisiva nas subcategorias **Lugares de repouso** e **Título Vs Obra**, e no final da **Discussão** para a subcategoria **Obra aberta ou fechada?**

A participação da INV foi menos incisiva, houve grandes dificuldades em manter os comportamentos focados pelo que se obrigou com firmeza nas questões comportamentais juntamente com o CONV1.

CONCLUSÕES FINAIS

A RRTD da Sessão 12 A permitiu localizar e distinguir distintos momentos na dinâmica da discussão:

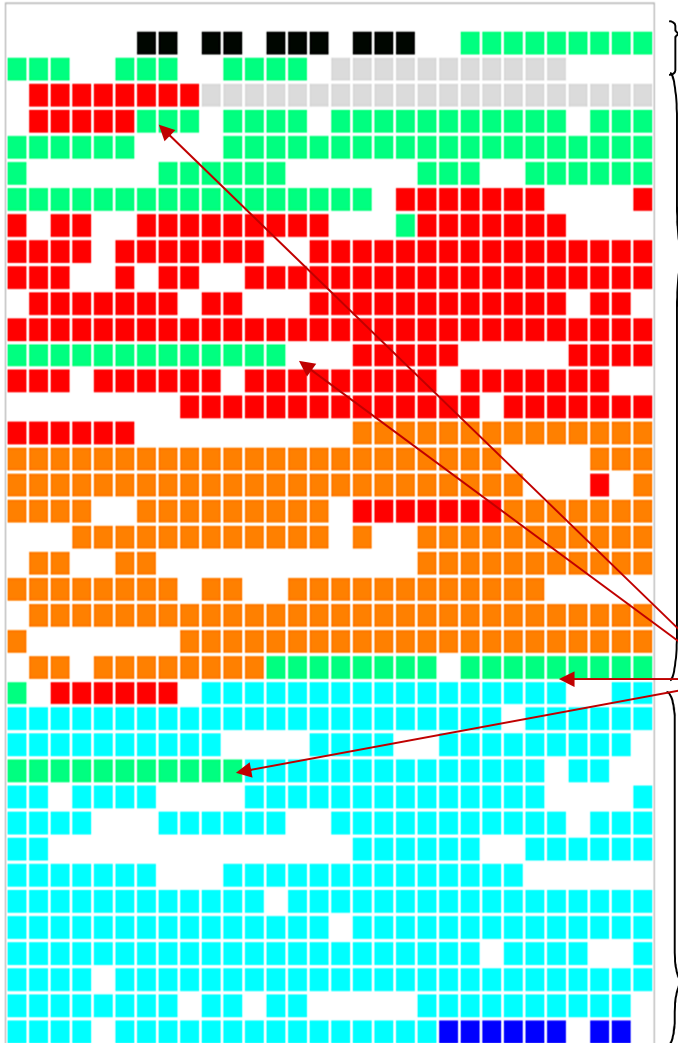


Gráfico 14 - RRTD13A

1. Momento de Interpretação em que as crianças-participantes percebem os elementos constituintes da obra de arte e com os quais estruturam uma **Agenda da Discussão**
2. Momento de contextualização em que as crianças-participantes procuram desenvolver questões suscitadas pela **Agenda da Discussão** ou derivadas desta, porém, focadas em discursos associados à interpretação da obra e à construção de conceitos interpretativos desenvolvidos através de discursos de estruturação narrativa.
3. Os momentos de passagem ou flutuantes que ocorrem através do retorno as ideias já reveladas pela **Discussão** e que se podem tornar em questões de fundo, desviantes ou não, com o objectivo de testar as suas qualidades na construção do sentido com a obra.
4. Momento específico em que as crianças-participantes desenvolvem e ampliam as suas argumentações com vista ao desenvolvimento de um discurso abstracto pertinente para o sentido que dá à obra.

Legenda:

Subcategorias da Discussão	
■	Agenda da Discussão
■	Lugares de repouso
■	Título vs Obra
■	Leitura da obra
■	Obra aberta ou fechada?
■	(Registos comportamentais)

Questões derivadas da ARDG

1. O que é que a relva tem a ver com a cama?
2. Como influência o título a interpretação da Obra?
3. Como se lê a Obra?
4. Estamos perante uma Obra "aberta" ou "fechada"?

Interpretação

A categoria **Agenda da Discussão** (Quadro 2) formou-se a partir de 5 questões que revelam a procura da relação directa entre a descrição dos elementos que constituem a instalação e as possíveis relações que estabelecem entre si. É de referir, ainda, que acusam uma estrutura simples e de sentido restrito, ou seja, significativamente bem delimitado.

Agenda da Discussão	
1. O que quer isto dizer, dois lugares de repouso?	IND 5 (Masculino)
2. O que é que a relva tem a ver com a cama?	IND 9 (Masculino)
3. Isto é uma cama?	IND 6 (Masculino)
4. Para que é que servem os suportes atrás?	IND 8 (Masculino)
5. Há alguma razão especial para haver cogumelos na relva?	IND 6 (Masculino)

Quadro 2 – Agenda da **Discussão** (Questões)

Assim, no contexto apontado, a estruturação da teoria revelada em análise subdividiu-se do seguinte modo: neste primeiro instante interpretativo da obra (1ª Questão) esta é reconhecida de imediato enquanto representação de **Lugares de repouso**. Ex: “O que quer isto dizer, dois lugares de repouso?” IND 6 (Masculino) e que se definiu através das seguintes subcategorias: **Relva** que se estabelece mediante a sua relação com a *cama* (2ª Questão) e através da razão constituinte dos *cogumelos* enquanto elementos que a constitui (5ª Questão); a subcategoria **Cama** que se estabelece mediante a sua relação com a *relva* (2ª Questão) e na sua nomeação identificada (3ª Questão); e ainda, a subcategoria **Suportes** que se estabelece a partir da sua utilidade ou função (4ª Questão).

Tal como havia sido referido (ver pág.6), estes elementos determinam logo no início da Sessão uma abordagem à obra através correspondência inter-descritiva dos elementos que a constituem sustentando uma intenção interpretativa generalizada.

Contextualização

Nesta Sessão registaram-se três momentos demarcados no desenvolvimento da contextualização (Quadro 3), ou seja, o momento próprio de disseminação das ideias, conceitos ou questões que emergiram na constituição da **Agenda da Discussão** e que se deslocaram desta através da observação e desenvolvimento, em cada uma destas fases, de qualidades distintas.

Apesar da visível carência de momentos de passagem nesta Sessão, os mesmos ocorrem precisamente durante estes momentos de contextualização, ou seja, revelam um natural retorno a ideias reveladas e, em certa medida, já consolidadas formando questões de fundo, ou em alguns casos, como retornos desviantes, porém, sempre invocadas com o propósito de manter o discurso na construção de sentido da obra.

1º Momento	
1ª Fase (Seleccção e reconhecimento) <i>Lugares de repouso</i>	Movimento perceptivo interno
2º Momento	
2ª Fase (Objectivação pragmática) <i>Título Vs Obra</i> <i>Leitura da Obra</i>	Deslocação linguística Título → Obra (Forma simbólica) Discurso → Obra (Forma narrativa)
3º Momento	
3ª Fase (Interpretação) <i>Obra aberta ou fechada?</i>	Apropriação da Obra

Quadro 3 – Momentos de Contextualização (desenvolvimento)

Assim, no 1º Momento, que descreve uma *Fase de selecção e de reconhecimento*, que se caracteriza por um movimento perceptivo interno, ou seja, focado apenas na obra, e que dá origem à formação da subcategoria **Lugares de repouso**. Esta estrutura-se através de nomeações e associações directas de categorias de 2º nível que obedecem a uma “evolução fechada”, ou seja, apresentam-se bem definidas e evoluem progressivamente.

O 2º Momento, constitui-se de uma objectivação fortemente pragmática enraizada no que se entende por deslocação linguística, ou seja, o discurso alterna não só os seus objectos como as suas propriedades ou qualidades, isto é: se numa deslocação discursiva simbólica, através da subcategoria **Título Vs Obra**, indaga sobre a obra através do que lhe é exterior – o título, verifica-se que através do título, que está intrinsecamente associado à obra, são providenciados outros elementos simbólicos que clarificam a função da obra; numa segunda deslocação discursiva narrativa, através da subcategoria **Leitura da Obra**, observa-se a evolução que interioriza uma determinada ordem de grandeza que por sua vez estrutura a formação dos conceitos e estruturas narrativas que os constituem.

Por último, 3º Momento revela-se como o momento de interpretação, ou antes, de apropriação da obra registado pela subcategoria **Obra aberta ou fechada?** Apesar de se verificar nos discursos qualidades imbuídas de uma natureza contextualizadora, o facto é que, esses mesmos discursos se deslocam para lá da natureza interpretativa directamente associada ao corpo da obra ou até mesmo à sua presença, os discursos deslocam-se para-lá da obra em presença e dá origem ao já definido, discurso abstracto.

Discurso abstracto

O potencial abstracto dos discursos emergentes surge, nesta sessão, na fase final da **Discussão** ao permitir observar como a edificação de sentido, que se manteve, até então, em verificação inconclusiva, é observada directamente e focalizada em certos elementos anteriormente seleccionados que, agora, exigem a apresentação de uma outra direcção, uma outra *janela aberta* para o entendimento do sentido da obra.

Assim, a abertura discursiva surge através da instigação do CONV1 “Nesta transição de escala do maior para uma mais pequena, como é que vocês lêem a estrutura que suporta estas duas dimensões, esta coisa de uns lados, inacabada? Como é que vocês ligam isto com estas dimensões de que estamos a falar? Há alguma ligação? Há alguma razão de ser? A obra está acabada ou inacabada? É uma obra aberta ou fechada?” e estrutura-se do seguinte modo:

- O IND 8 e o IND 6, complementam a edificação de um mesmo conceito através da concepção de “**Obra inacabada**”. Esta surge associada à possibilidade de *modelação* do espaço à semelhança, do que foi referido como *puzzle*, neste sentido é passível de usufruir da qualidade de ser **Extensível** Ex: “Eu acho que é, também tive aquela ideia de que acho que é um puzzle, mas como isto também é imitar a obra que está inacabada, eu acho que eles só puseram um bocado para ficar inacabada tal como a outra obra, e não-de aparecer como se possa estender, ser pequeno ou grande.” IND 8 (Masculino), por sua vez, este carácter de *inacabado* obriga a que a obra seja pensada e **Sujeita à imaginação** de quem a goza Ex: “Eu acho que a peça em que isto é inspirado é inacabada e por isso, as paredes que estão à volta estão inacabadas. É uma coisa inacabada, temos de pensar muito bem, imaginar.” IND 6 (Masculino);

- A intervenção da IND 7, com uma identificação directa ao próprio título da obra “**Casa com pátio**”, revela um olhar que aceita a construção de um sentido muito próximo da primeira análise interpretativa (1ª Fase da Contextualização), aquela que se estrutura ou remete à experiência vivencial do quotidiano Ex: “Eu acho que continuo com a mesma ideia, mas para isto ser uma casa e para aquilo ser um jardim ou algo assim, aquilo também pode ser uma casa. Nas nossas casas nós guardamos comida e temos um sítio para repousar, para os animais a relva é exactamente o mesmo. Os cogumelos são a comida e a relva é onde eles repousam.” IND 7 (Feminino), porém, posteriormente, a mesma observação irá procurar uma extensão do quotidiano frugal para uma visão sincrónica;

- **Passado/Presente/Futuro** surge no encaço da intervenção anterior lançada pela IND 7, porém, para observar um outro contexto temporal antagónico que visa observar simultaneamente os conceitos de *Actualidade e Pré-história* Ex: “ (...) Então, podia ser a mesma coisa [que a IND 7] mas não são animais e nós, mas nós, antigamente, os pré-históricos e nós actualmente, os humanos actualmente e os humanos pré-históricos que dormiam na relva” IND 4 (Masculino). A convivência antagónica dos conceitos permitiu conceder alguma maleabilidade ao conceito de tempo em associação directa com *lugar de observação*, ou seja, a edificação de um determinado **Ponto de vista**¹. Mais, a observação directa da obra, o confronto com a experiência no corpo em observação, a alternância dos conceitos que se constituíram a propósito deste movimento de retorno à obra, toleraram a organização da ideia através de uma possível *Barreira temporal*, uma vez que a experiência do *tempo presente* não se identificava com nenhum elemento identificável e constituinte na obra Ex: “Isto aqui também tem de ter uma divisão porque, se aqui é o futuro, ali é o passado e isto aqui está fechado para o futuro, mas tem

¹ O conceito de **Ponto de vista** foi edificado na 12ª Sessão A e nesta Sessão é revisitado e uma vez mais observado, o que garantiu a consolidação da abrangência e aplicabilidade dos seus possíveis significados.

uma passagem para o passado.” IND 6 (Masculino). Assim, a *barreira temporal* obrigou a que se considerasse a **Contemporaneidade** como uma *nova dimensão* com uma *representação* específica da coexistência simultânea de conceitos: se por um lado a obra representa no seu espaço a corporificação do tempo entendido como passado e o futuro, o presente é definido pelo lugar fora da obra onde se estabelece esse *ponto de vista*, isto é, o lugar do observador. A *contemporaneidade* submete a interpretação a uma irrepetibilidade.

- A intervenção do IND 4, que fechou a **Discussão** observa a vontade latente de um dizer que se quer em contínuo, aberto a várias possibilidades, em interacção com o meio e dirigido a um outro ausente como uma *janela que se quer aberta* apenas “ (...) porque poderia, o autor querer dizer que a vida é como uma janela aberta.”

À semelhança de fenómenos observados em Sessões anteriores, os referidos discursos abstractos assumem narrativas que visam um remate conclusivo e focado, onde a alternância dos pontos de vista referenciados pelas crianças-participantes coabitam no espaço da **Discussão**, onde a ambivalência de conceitos vivenciados pelo *observador* premeia sempre o processo integrador de possíveis sentidos da obra.

No que diz respeito a questões comportamentais, registaram-se alguns momentos de atenção e outros de alguma convulsão ou entusiasmo, porém, sempre em relativo respeito pelas regras de comportamento. As intervenções constituíram conteúdos pertinentes para a construção de teoria.

REGISTO DE CONTROLO

O necessário ajustamento do modelo de Lipman, a sua transferência para outro discurso associado à leitura e interpretação de obras de arte, obriga a que haja, desde o início do trabalho de campo, a preocupação de assegurar a qualidade e rigor dos procedimentos.

O R13A debruçou-se sobre o possível discurso e **Discussão** em torno de uma única obra da artista plástica Fernanda Fragateiro, *Casa com pátio*, em exposição colectiva intitulada *Livre Circulação*, no CCMB em 16 Junho de 2011.

A Sessão foi realizada num contexto público (CCMB), procedendo ao percurso necessário e integrador da principal questão desta investigação.

Assim, a Sessão realizou-se segundo os pressupostos principais definidos por Lipman para Filosofia com crianças-participantes e promoveu a experiência fundamental para um melhor entendimento de um discurso, que se prevê manifestamente estético.

ANÁLISE DA OBRA E ENQUADRAMENTO NO ESPAÇO

Sessão: R13A: Fernanda Fragateiro, *Casa com pátio*

Exposição: *Livre Circulação*

Data: 16 Junho de 2011

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 15:30h (Sessão de Filosofia sem visita à exposição)

Critérios metodológicos	Relevância	Para critérios metodológicos manteve-se a abordagem dedutiva dos fenómenos observados tendo estes sido fortemente conduzidos pela teoria e pela questão de investigação.
	Enquadramento temático	As crianças-participantes não revelaram qualquer dificuldade em desenvolver a interpretação e contextualização da obra seleccionada, nem a enquadrar a informação adicional fornecida (fotocópia com imagem e títulos das obras).
	Referências anteriores	A visita prévia à exposição na sessão anterior.
Leitura da Obra	Características formais	Obedeceu ao protocolo associado ao da Filosofia com Crianças (à excepção da integração da Obra de Arte)
	Interpretação da Obra	Verificou-se adaptação imediata dos seus discursos e comportamentos em relação à obra em Discussão . Fácil integração da informação adicional fornecida com a leitura da obra. A intervenção dos facilitadores foi consistente e em parceria durante toda a sessão.
Espaço museológico	Localização	CCMB (Algés), ao qual acedemos através da utilização de transportes públicos.
	Leitura/percepção	Foi considerado: que as crianças-participantes percorressem livremente para observação da obra em referência. A preparação da sessão incluiu visita prévia efectuada pela INV para observação e análise prévia da obra seleccionada.
	Integração na exposição	A obra estava inserida no centro de uma sala em conjunto com outras obras de diferentes autores. A sala já havia sido experimentada e percebida como um todo antes do início da sessão e após a referência à obra a ser considerada.

Quadro 4 – Avaliação da obra e enquadramento no espaço (Descrição)

AVALIAÇÃO DA SESSÃO

Sessão: R13A: Fernanda Fragateiro, *Casa com pátio*

Exposição: *Livre Circulação*

Data: 16 Junho de 2011

Local: CCMB (Lisboa)

Horas: 14:30h às 15:30h (Sessão de Filosofia sem visita à exposição)

Participantes: IND 1; IND 2; IND 5; IND 6; IND 7; IND 8; IND 9; IND 10; IND 11; IND O (Grupo B); CONV1; INV.

ENTRADA NO CAMPO		
Declarações	Individuais	Participação de todos sem necessidade de instigação dos facilitadores; participação escassa ou diminuta de 3 elementos (IND2, IND9, IND 11 e IND O); participações individuais foram maioritariamente respeitadoras e integradas nos objectivos esperados. Registos de alguns comportamentos de alheamento.
	Grupo	Intervenções iniciam-se rapidamente com forte associação à percepção e contextualização dos elementos constituintes da obra; forte abertura para discursos com estruturação narrativa interpretativa associado à leitura da obra e de cariz hipotético.
	Professor	Intervenção mais focalizada e interventiva na interpretação dos conteúdos em Discussão . Instigação para potencializar argumentações mais assertivas e algumas referências a questões comportamentais.
	Investigadora	As suas intervenções integraram-se em parceria com as intervenções do CONV1. Participação menos activa mas atenta e cuidadosa na manutenção da parceria. Algumas referências a questões comportamentais.
	Outros	-
Comportamentos	Individuais	Inscrição na Discussão através do “dedo no ar”; comportamentos de atenção, entusiasmo. Alguns registos de alheamento aparente e/ou efectivo.
	Grupo	Comportamentos de agitação em grupos destacados, de atenção e de alheamento; cumprimento das regras da Discussão .
	Professor	Partilhou a moderação com a investigadora.
	Investigadora	Comportamentos associados à organização do equipamento; registo da sessão; participação na moderação.
	Outros	-
<p>Obs. Logo no início da Sessão foi observado pelo IND 8 (Masculino) a pertinência dos conteúdos fornecidos pela informação adicional fornecida (fotocópia com imagem e títulos das obras).</p>		

Quadro 5 – Avaliação da entrada no campo
(Descrição)

DISCUSSÃO				
Obras de arte	Tempo de leitura	5 minutos (aproximadamente)		
	Comport. Físico	No 1º momento as crianças-participantes efectuaram uma experimentação directa da obra.		
	Comport. Relacional	Comportamentos de empatia e complementaridade discursiva; alguns registos de conversas cruzadas e de agitação em grupos destacados		
	Relevância	Obra	Obra seleccionada revelou-se estimulante à percepção visual e vivencial (redução de registos de aproximação à obra durante a sessão).	
		Temáticas	Constituição de um leque de interesses focados e articulados à percepção e descrição da obra; teorias focadas em questões específicas: Lugares de repouso, Título Vs Obra, Leitura da Obra e Obra aberta ou fechada?	
Discussão		Registo de 3 momentos: “leitura” das obras; constituição da Agenda de Discussão ; Discussão .		
	Investigação	As intervenções possibilitaram patentear diferentes fases da Discussão ; tipologias do carácter argumentativo; alteração de estrutura teórica da Discussão e teorização directa do próprio acto associado à Discussão .		
A. Discussão	Grau de participação	Participação contextualizada		
	Relevância	Temática	Participação alargada com a formulação de 5 questões que apresentaram a relação directa da natureza preceptiva como reconhecimento e interpretação final.	
Discussão		As 5 questões da Agenda da Discussão formaram o carácter inicial da Discussão que facilmente se deslocou para uma argumentação interpretativo-conceptual. Intervenções ricas em elementos de sustentabilização das várias análises de conteúdo. Participação de quase todos os elementos, com alguma necessidade de moderação.		
Discussão	Dinâmica	Grupo	Comportamentos em cumprimento das regras da Discussão ; intervenções integradas no assunto em Discussão . Alguns elementos com registo de alheamento aparente e efectivo.	
		Indivíduos	Nem todas as crianças-participantes participaram na Sessão.	
		Professor	Moderação empática e em parceria com a INV.	
		Investigadora	Intervenções mais circunscritas mas em parceria integrada com o CONV1	
	Acções	Interrupções acidentais	Não se verificaram	
		Interrupções provocadas	Não se verificaram	
		Comportamentos físicos	Aproximação à obra.	
	Argumentações	Narrativas	Estruturadas segundo distinções preceptivas; validaram áreas temáticas.	
		Argumentativas	Verificaram-se	
		Normativas	Não se verificaram	
		Estruturalistas	Não se verificaram	
		Jocosas	Verificaram-se	

Quadro 6 – Avaliação da Discussão
(Descrição)

OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE		
Comportamentos	Flexibilidade	Verificou-se
	Objectividade	Preocupação com a partilha da moderação. Verificou-se
	Empatia	Verificou-se
	Indução/Persuasão	Não se verificou
	Integração no grupo	Boa integração no grupo.
	Avaliação do grupo	Empático, boa disposição, participações constantes e interessadas.
Moderação	Direcção formal (limitada à Agenda)	Não se verificou
	Condução temática (introduz outras questões)	Não se verificou
	Orientação da dinâmica	As crianças-participantes prescindem com facilidade a moderação.
Preparação da sessão	Adequação da obra	A obra, bem como a informação adicional apresentada, foram pertinentes para a constituição de teoria.
	Adequação ao grupo	Verificou-se uma aceitação motivada na integração dos pressupostos da sessão e da obra seleccionada.
	Adequação à Discussão	Adequada e incitadora da Discussão
	Benefícios	Abordagem espontânea ao espaço e à obra em referência para a Discussão e de integração conceptual da teoria construída em observada em 4 sessões.
	Dificuldades encontradas	Nenhuma.
<p>Obs.</p> <p>Registo de algum silêncio constrangedor após intervenção directa do CONV1.</p> <p>Talvez algumas incitações tenham exigido uma maior atenção e capacidade de adaptabilidade ao que estava a ser exigido.</p>		

Quadro 7 – Avaliação da observação participante
(Descrição)

AVALIAÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE TEORIAS ENRAIZADAS²

1	Os critérios foram concebidos?	Critérios observados em análise mantiveram as alterações observadas na organização interna da Discussão (ver Conclusão)
2	Os conceitos estão sistematicamente relacionados?	Os conceitos foram sistematicamente relacionados ao longo de todo este Relatório.
3	Há muitas ligações conceptuais e as categorias estão bem elaboradas? As categorias têm densidade conceptual?	As ligações conceptuais foram devidamente sustentadas bem como a elaboração das categorias que apresentam densidade conceptual e estrutura sensível, alargada ou complexa.
4	Há muita variedade introduzida na teoria?	Considerou-se uma delineação mais concentrada da teoria (redução de categorias). Inclusão de categorização por valorização e por estruturação. Associação da percepção à conceptualização generalizada de cariz abstracto onde foram fundamentados os pressupostos da Discussão pelas próprias crianças-participantes.
5	As condições mais amplas que afectam o fenómeno estudado são contempladas na explicação?	Confirma-se, o fenómeno é amplamente confirmado e contextualizado na sua explicação.
6	O “processo” foi tido em linha de conta?	Sim, o processo bem como a natureza específica desta sessão conduziram a alterações efectuadas no seu conteúdo teórico.
7	Os resultados teóricos parecem significativos? Em que medida? O que reflectem? “o ponto de vista do sujeito”; Descrição dos ambientes; Interesse na produção da ordem social; Reconstituição das “estruturas de profundidade, geradoras da acção e do significado”?	Sim, na medida em que se verificou uma consolidação da organização interna da Discussão ; verificaram-se alterações na percepção, experimentação e interpretação da obra em relação a uma conceptualização mais alargada e notoriamente focada na experiência estética e no próprio processo inerente à Discussão da obra. Maior referência interpretativa na observação directa da obra; Adaptabilidade e controlo do ambiente; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas; Dinâmicas comportamentais e dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos elaborados a uma dialéctica abstracta, integrada e integradora, na organização interna da Discussão e nos fundamentos da própria Discussão .

Quadro 8 – Avaliação da construção de teorias enraizadas

² Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 237)

AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE PESQUISA³

1	Como foi constituído o grupo original? Com que base (selecção de grupo)?	O grupo enquadra-se no conceito de grupo focalizado (amostra teórica). Para esta sessão, foi constituído um grupo de 10 crianças-participantes (2 Femininos e 7 Masculinos) e 2 adultos (1 Feminina e 1 Masculino)
2	Que categorias principais emergiram?	Agenda da Discussão , Discussão (categorias de cariz descritivo, associativo e conceptual)
3	Quais foram os acontecimentos, incidentes, acções etc., que serviram de indicadores para aquelas categorias?	Dinâmicas comportamentais de grupo, dialécticas consolidadas na percepção e alargamento dos conceitos à constituição de discursos abstractos
4	Que categorias serviram de base ao prosseguimento da amostragem teórica, ou seja, como é que as formulações teóricas guiaram parte da colecta de dados? Depois de efectuada a amostragem teórica, que representatividade provaram ter estas categorias?	Prática inscrita na Filosofia com Crianças desde os 3 anos de idade; adaptabilidade ao protocolo proposto, perfeita integração no panorama pedagógico-científico da Cooperativa de Ensino a Torre. Revelaram a consolidação dos pressupostos em análise em sessões anteriores e a constatação da sua evolução para o domínio teórico da Estética.
5	Quais foram as hipóteses centrais acerca das relações entre as categorias? Em que bases foram formuladas e testadas?	Hipóteses centralizaram-se na continuidade conceptual apresentada nas intervenções, na dinâmica revelada pela própria Discussão e na relação comportamental. Formuladas e estudadas a partir dos pressupostos metodológicos da <i>grounded theory</i> .
6	Houve casos em que as hipóteses não se mantiveram, face ao realmente observado? Como foram explicadas as discrepâncias? Como foram efectuadas as hipóteses?	As hipóteses suscitadas pelas sessões anteriores mantiveram-se e verifica-se o efectivo alargamento do seu espectro conceptual no sentido da sua consolidação enquanto fenómeno. Não se verificaram Observação incisiva no fenómeno da relação percepção/experimentação da obra consolidada pela interpretação sustentada e alargada na construção de discursos.
7	Como e porquê foi escolhida a categoria nuclear? A selecção foi repentina ou gradual, fácil ou difícil? Em que bases foram tratadas as decisões da análise final? Como apareceram nessas decisões os critérios “vasto poder explicativo” e “relevância” em relação ao fenómeno estudado?	Pela escolha do objecto em referência e pela natureza da Discussão que a revelou. A análise foi gradual e facilitada e em consideração pela adaptabilidade do grupo. A análise final obriga à confrontação teórica dos vários relatórios formulados. O seu poder explicativo reflecte-se apenas no fenómeno em análise e registado neste relatório, pelo que o critério de “vasto” apenas se verificará em confronto teórico revelado por todos os relatórios. A relevância do fenómeno revela-se na consolidação da relação percepção/experimentação/teorização da obra consolidada pela interpretação e alargada à dialéctica e pela organização interna revelada pela própria Discussão .

Quadro 9 – Avaliação do processo de pesquisa

³ Critérios elaborados por Corbin e Strauss (Flick, 2005, pág. 236)